

FERNANDO IDALGO MENEZES

**ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS
HISTÓRICO-SOCIAIS DA OBRA *ANNA KARIÊNINA* E SEU DIÁLOGO COM A
ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Português e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Prof. Dra. Miriam Denise Kelm

**BAGÉ
2015**

FERNANDO IDALGO MENEZES

**ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS
HISTÓRICO-SOCIAIS DA OBRA *ANNA KARIÊNINA* E SEU DIÁLOGO COM A
ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Português e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Pampa.

Área de concentração: Literatura russa e História

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ____/____/_____.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora
Universidade Federal do Pampa

Prof. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
Universidade Federal do Pampa

Prof. Dra. Juliane Vargas Welter
Universidade Federal do Pampa

Dedico este trabalho a minha paixão pela
História e a Literatura.

AGRADECIMENTO

À minha mãe Vera e ao meu pai Policarpo pelo apoio incondicional aos meus estudos e à minha formação.

À minha esposa Giovana pelo incentivo constante, atenção e compreensão durante toda a minha jornada acadêmica.

Ao meu filho Fernando pela sua presença em minha vida, com sua alegria e carinho.

À minha orientadora, estimada professora Miriam Denise Kelm, pela ajuda inestimável e por toda a sua atenção na orientação deste trabalho.

A todos os professores que participaram de minha formação ao longo dos quatro anos de graduação, especialmente às professoras da área da Literatura, Lúcia Corrêa, Miriam Kelm e Zíla Rêgo, por despertarem o gosto pelo texto literário e incentivarem a minha curiosidade pela leitura de diversas obras, ampliando minhas concepções de mundo.

A todos os colegas que iniciaram comigo, em 2012, a jornada no meio acadêmico, em especial ao Felipe Garcia, a Débora Mattos, a Rosana Dutra, o Willian Ely, a Aline Quintana e ao Éderson Coitinho.

“É impossível viver sem saber o que sou e para que estou aqui.”

Liev Tolstói

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo propor um diálogo entre a Literatura e a História, analisando os aspectos histórico-sociais presentes na obra *Anna Kariênina*, de Liev Tolstói e quais as suas relações com a atualidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Para a análise dos aspectos do romance e entender sua relação com a História, bem como fazer relações com o contexto atual, utilizou-se os dados históricos apresentados por Bushkovitch (2014), os conceitos de Literatura de acusação de Carpeaux (2011), a relação Literatura e História desenvolvida por Hauser (1973). Para compreender o contexto de produção do autor e suas principais ideias, buscou-se nos estudos de Zweig (1961) dados sobre a filosofia de Tolstói, em Schnaiderman (1983) e Steiner (2006) os recursos literários utilizados, bem como se analisou e foram feitas relações com outros romances como *Guerra e Paz* (2011), *A morte de Ivan Ilich* (2012) e *Os Cossacos* (2012). Finalmente, procurou-se demonstrar como o romance *Anna Kariênina* se relaciona com a atualidade, quais suas ideias e problemas são contemporâneos e que releituras podem ser feitas, a partir dos conceitos de Cândido (2006), Barthes (2013) e Bloom (2001) que tratam da relação sociedade, autor e obra.

Palavras-Chave: sociedade; *Anna Kariênina*; Literatura de acusação; romance psicológico.

ABSTRACT

This work aims to propose a dialog between Literature and History analyzing the historical-social aspects present in the literary work *Anna Karenina* by Leo Tolstoy and answer to the question: which might be its relations with the present time. The methodology used was the bibliographic research. In order to analyze the novel's aspects, to comprehend its relation to History and also to infer relations to the present context, it was used the historical data presented by Bushkovitch (2014), the concept of "Literature of Accusation." by Carpeaux (2011), and the relation between Literature and History developed by Hauser (1973). In order to comprehend the writer's context of production and his main ideas, a research was done in the studies of Zweig; data concerning Tolstoy's philosophy were found in Schnaiderman (1983) while the used literary resources were in Steiner (2006). This work has also analyzed and compared *Anna Karenina* to other Tolstoy's work of literature such as: *War and Peace* (2011), *The Death of Ivan Ilyich* (2012) and *Cossacks* (2012). Finally, the attempt is to demonstrate how the novel *Anna Karenina* is related to the present time; which ones are contemporary ideas and matters and which adaptations or versions throughout the concepts of Candido (2006), Barthes (2006) and Bloom that write regarding the connection established between society, writer, and the work of literature.

Keywords: society; *Anna Karenina*, "Literature of Accusation."; psychological novel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UM ESCRITOR ENGAJADO E UM PAÍS EM PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	14
2.1 Liev Tolstói: vida e obra	14
2.2 Rússia: contexto histórico na época de produção de <i>Anna Kariênina</i>.....	16
2.3 “Todas as famílias felizes se parecem; cada família é infeliz à sua maneira”: breve resumo da obra <i>Anna Kariênina</i>.....	19
3 ANNA KARIÊNINA: UMA ABORDAGEM DAS QUESTÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E MORAIS E SUA REPRESENTAÇÃO NA OBRA.....	22
3.1 O fim da servidão humana e seus reflexos nas relações entre nobres e camponeses .	22
3.2 Casamento e divórcio na sociedade russa	25
3.3 Educação de camponeses e mulheres.....	29
3.4 Burocracia e corrupção no Estado russo.....	32
3.5 Aspectos existenciais e morte.....	36
4 CULTURA E NATUREZA, AMOR E PAIXÃO, VIDA NO CAMPO E NA CIDADE: ANÁLISE DOS ELEMENTOS EM OPOSIÇÃO NA OBRA.....	41
4.1 Liévin: um senhor de terras dividido entre a cultura e a natureza	41
4.2 Anna e Vrónski: entre o amor, a paixão e o julgamento da sociedade.....	44
4.3 Uma breve análise dos crontopos em <i>Anna Kariênina</i>	47
5 RELAÇÕES ENTRE A OBRA E CONTEXTO DE PRODUÇÃO E O DIÁLOGO COM A ATUALIDADE.....	52
5.1 Literatura de acusação e romance psicológico.....	52
5.2 Os questionamento de Liévin e Anna e suas relações com o século XXI.....	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar os aspectos histórico-sociais presentes em *Anna Kariênina*, de Liev Tolstói, romance psicológico¹ publicado entre 1873 e 1877, na Rússia e avaliar se este texto ainda estabelece algum diálogo com a contemporaneidade e suas problemáticas. O interesse pela obra foi despertado durante a realização do Projeto de Pesquisa sobre o gênero romance e sua formação, bem como seu diálogo com o homem da atualidade, intitulado *Construir um diálogo entre os grandes romances do século XIX e XX e o homem do século XXI*, desenvolvido na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), durante os anos 2013 e 2014, sob a orientação da professora Lúcia Maria Britto Corrêa.

Anna Kariênina foi publicada em periódicos russos entre 1873 e 1877, sendo a segunda grande obra da carreira literária de Tolstói, iniciada em 1863 com *Guerra e Paz*:

[...] elaborou o vasto romance *Ana Karênina*, certamente um dos pontos máximos atingidos pelo romance psicológico do século XIX. Ao mesmo tempo, é obra de acentuada preocupação social, e onde, segundo expressão de Gleb Uspênski, se podia estudar ‘a atual vida russa, a orientação do pensamento social russo e do homem russo em geral’. (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 21).

A discussão desta obra, durante a realização do projeto, despertou o interesse pelos aspectos sociais e históricos do período de produção, tendo em vista tratar-se de um romance que aborda com profundo detalhamento a sociedade russa da segunda metade do século XIX, em um país com profundas diferenças econômicas entre as classes de sua população, retrata temas como o fim da servidão², relações entre os nobres e mujiques, o trabalho agrícola, o casamento, religião, educação dos camponeses e mulheres³, a dominação do Estado czarista e também questionamentos sobre a existência e morte.

A partir da realização do projeto de pesquisa, buscou-se aprofundar a análise des-

¹ Hauser define *Anna Kariênina* como obra integrante do auge do desenvolvimento do romance psicológico, tratando de questões que a Psicologia moderna abordaria somente com Freud, no início do século XX. O tema principal do romance psicológico gira em torno das contradições de personalidade e da consciência do indivíduo, sua problemática e também seu alheamento, alienação e isolamento em relação à sociedade. Outro representante do gênero seria Dostoiévski, com sua obra *Crime e Castigo*. (HAUSER, 1973, p. 1023 e 1025).

² *Anna Kariênina* tem seu desenvolvimento cronológico entre 1872 e 1876 (NABOKOV, 2014, p. 242), pouco mais de 10 anos após o fim da servidão humana na Rússia, abolida pelo czar Alexandre II em fevereiro de 1861.

³ A questão da educação das mulheres e camponeses estava em discussão àquela época, pois foi apenas a partir de 1859 que as mulheres começaram a ingressar nas universidades (BUSHKOVITCH, 2014, p. 222).

tes aspectos em *Anna Kariênina* e suas relações históricas, como estes dados são representados na obra e também pesquisar de que forma este romance pode dialogar com o homem atual, não sendo somente uma abordagem de um recorte cronológico.

Para o aprofundamento da pesquisa, foi necessário definir uma metodologia de estudo, com a finalidade de analisar o contexto histórico, a representação literária dos temas de interesse, suas relações e/ou influências com a experiência e vida do autor e seu diálogo com a sociedade.

A teoria hermenêutica possibilitou subsídios para o estudo da obra e sua melhor compreensão, contribuindo com seus conceitos para a interpretação do mundo da obra e seu tempo. A Hermenêutica tem origem a partir dos termos gregos *hermeneuein* e *hermeneia*, tendo como conceitos principais o dizer, explicar e traduzir e pertence ao campo literário e filosófico, contribuindo para tornar compreensível, dizível, sem, entretanto, esgotar os questionamentos e respostas sobre o tema (ROHDEN, 2008, p. 194).

Partindo destes pressupostos da Hermenêutica este trabalho desenvolveu a metodologia de pesquisa bibliográfica de textos que tratam da vida e obra de Tolstói, tendo sido realizada a leitura e análise de *Guerra e Paz* (1863), *Os Cossacos* (1862), *A Morte de Ivan Ilich* (1886), *Ressurreição* (1899), *Infância, Adolescência, Juventude* (1857) e o conto *Três Mortes* (), de estudos que mostram o contexto histórico e social da Rússia no século XIX e do romance em estudo, com a finalidade de relacionar os aspectos tratados em *Anna Kariênina* com o período de produção e abordar como estas questões podem dialogar com o leitor da atualidade.

Os objetivos para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica contemplaram as propostas de descrever os aspectos histórico-sociais presentes na obra, analisar como estão representados no romance e observar sua função de crítica social ou soluções para os questionamentos do autor. A influência do contexto sobre a produção literária de Tolstói também será abordada, como forma de apresentar a sociedade e seus anseios por mudanças contribuindo para a criação de uma obra que descreve o panorama da Rússia e suas necessidades de transformações.

Conforme Schnaiderman (1983, p. 7), a obra e vida de Tolstoi são indissociáveis e para se compreender melhor sua escrita, deve-se continuamente analisar a época, os problemas tratados em cada um dos seus romances e considerar que a cada leitura realizada surgem novos questionamentos, diferentes a cada momento. Desta forma, a dificuldade em separar os acontecimentos pessoais do escritor e sua representação na obra constitui um

grande desafio, pois implica em não apenas realizar uma leitura conforme as marcas biográficas do autor, mas analisar os fatos históricos do contexto e como a representação de *Anna Kariênina* e suas questões dialogam com estes.

Esta pesquisa buscou descrever sucintamente os dados biográficos da vida de Tolstói e apresentar um panorama da sociedade russa, seus principais desafios, relacionando desta forma a representação literária de personagens e acontecimentos com a historicidade do momento, buscando assim responder as questões propostas para análise.

Com o objeto de pesquisa delimitado, sendo os aspectos histórico-sociais e sua representação na obra, bem como seu diálogo com a época e atualidade, o próximo passo do trabalho foi selecionar obras que tratam do autor, do contexto histórico, do gênero romance e que propõem a análise dos aspectos literários e seus personagens, de modo a formular respostas para a problematização da pesquisa.

A edição de *Anna Kariênina* em estudo contempla a tradução direta do russo. Conforme FIGUEIREDO (2005, p. 11), na apresentação da obra em estudo, esta edição tem por objetivo preservar ao máximo os traços da escrita de Tolstói, tais como frases longas e dispersivas e a frequente repetição de palavras, de modo a evidenciar o estilo de produção único do autor, diferente de traduções anteriores, como a partir de edições francesas, onde a linguagem é adaptada para se aproximar do leitor, sem causar estranheza, com a supressão de trechos e substituição de palavras e expressões.

Em *A Teoria do Romance* (2000), Lukács mostra o paradoxo entre a mentalidade do escritor e a era histórica que vivencia e que resulta em um sentimento de insatisfação com o mundo da cultura que o cerca. Tolstói opõe cultura e natureza em sua obra *Anna Kariênina*, pois ao tratar das questões de terras envolvendo os mujiques, da morte e de outros aspectos como educação, ele critica este homem dotado de cultura e que explora o próximo. Esta oposição entre cultura e natureza expõe um aspecto da crítica do autor, a cidade como espaço em contradição ao campo ou natureza. O campo expressa a situação do trabalho, do cultivo da terra e manutenção de valores e relações entre mujiques e senhores de terras. A cidade configura a degeneração de valores morais, sociais e religiosos, contribuindo para o ápice do individualismo. Conforme Hauser (1973, p. 1038), Tolstói condena esta individualidade, pois acredita na união entre os homens dos diversos estratos sociais, como forma de conciliação e felicidade da sociedade.

O contexto histórico-social vivenciado pelo autor e sua obra tem em *História Social da Literatura e da Arte* (1973), de Arnold Hauser, uma análise detalhada de todos os acontecimentos que motivaram esta produção literária russa da segunda metade do século

XIX como uma Literatura engajada, como um elemento de resistência às profundas transformações sociais, bem como as diferenças entre classes e o isolamento do indivíduo.

Em a *História da Literatura Ocidental* (2011), de Otto Maria Carpeaux, tem-se o conceito da Literatura de acusação, onde Tolstói escreve não como modo de denúncia, mas de evidenciar a responsabilidade dos senhores de terras russos, dos latifundiários, por conta de sua própria incapacidade e temor em aceitar as transformações nas relações de exploração da terra e renda e, conseqüente ameaça à classe, ocasionadas com o fim da servidão. Esta Literatura não serve apenas como um tipo de denúncia, tendo também outro sentido:

Apenas o seu racionalismo tem forte cor romântica, como de uma utopia, porque Tolstoi não era capaz de realizar as suas doutrinas radicais: impediu-o a sua condição social de latifundiário aristocrático. A obra de Tolstoi, sucessor maior de Turgueniev, é o cume da “literatura dos latifundiários”: descobrindo a sua consciência social, acusando-se a si mesmo, criando nova literatura de acusação. (CARPEAUX, 2011, p. 2013).

Com estas duas obras sobre o contexto social e histórico, pretende-se analisar a obra *Anna Kariênina* com enfoque nos aspectos previstos nos objetivos do trabalho, buscando realizar associações com o período histórico da Rússia. Para a contextualização da história russa, a obra utilizada foi a *História Concisa da Rússia* (2014), de Paul Bushkovitch, a qual traça um panorama histórico do país, desde sua fundação por Rurik⁴, até o colapso da União Soviética.

Este trabalho está dividido em uma breve introdução, onde serão apresentados o tema, a problematização, os objetivos de pesquisa e também algumas obras teóricas que serão utilizadas e suas relações com o romance em estudo e três capítulos de estudo sobre os personagens, principais temas e a relação da obra com a atualidade e suas possíveis releituras, em diálogo com os problemas e angústias contemporâneas.

O primeiro capítulo apresenta breve resumo da vida e obra de Liev Tolstói, seu desenvolvimento como escritor e crítico social. São descritos os principais acontecimentos de sua vida e enumeradas suas obras conforme a cronologia da publicação. Para traçar esta apresentação do escritor mais importante da Literatura russa, foram utilizadas as análises realizadas por Boris Schnaiderman, publicadas em *Antiarte e Rebeldia* (1983); *Infância, Ado-*

⁴ Conforme Bushkovitch (2014, p. 27), a reconstrução da história política dos primeiros eslavos é difícil. Uma das lendas clássicas da formação da nação russa diz que o viking Rurik veio de além-mar, com dois irmãos para reinar em Novgorod, em 862 d.C. Seus descendentes teriam posteriormente se estabelecido em Kiev, onde o filho Igor teria reinado de 913-945.

-*lescência, Juventude* (2012), com traços autobiográficos de Tolstói, traduzida e prefaciada por Maria Pereira Soares; *O Pensamento Vivo de Tolstoi* (1961), de Stefan Zweig e *Notas de Literatura Russa* (2014), de Vladimir Nabokov.

Para o resumo histórico foi utilizada a obra *História Concisa da Rússia*, de Paul Bushkovitch. Este livro, integrante de uma coleção da Universidade de Cambridge sobre a História de diversos países, apresenta um relato conciso e acessível da evolução da sociedade russa, dos seus primórdios à desintegração da União Soviética. Este capítulo também apresenta um breve resumo da obra em estudo, com as principais características e como se apresenta seu desenvolvimento.

Em um segundo capítulo, desenvolve-se a análise dos aspectos propostos para estudo e seu contexto histórico, social e cultural.

Temas como o fim da servidão humana, a relação entre nobres e mujiques, educação de mulheres e camponeses, o casamento, a burocratização do Estado russo e as questões de existência e morte são destacados e relacionados com o contexto histórico e possíveis relações com a vida de Tolstói.

Em um terceiro capítulo, após o estudo dos temas discutidos em *Anna Kariênina*, são abordadas as relações, contradições e convergências entre o modo de vida e pensamento das principais personagens do romance, como Liévin e Kitty, Anna e Vrónski e a família Oblónski, bem como a importância do conceito de cronotopo na significação dos espaços urbanos e rural retratados.

O estudo contempla a dualidade destes núcleos familiares, tendo em vista que a obra estrutura-se em relação a estas famílias, as quais servem como pretexto para a discussão e desenvolvimento de seus conflitos e questionamentos.

O quarto capítulo analisa as relações entre a obra, seu período de produção, as influências do momento histórico e social sobre a produção do escritor no século XIX e as possibilidades de leitura e reflexões de denúncia com a sociedade da época, mostrando também quais angústias, problemas e assuntos estão em diálogo com a contemporaneidade. Autores como Antônio Candido, Harold Bloom, Arnold Hauser, Otto Carpeaux, Roland Barthes, entre outros contribuem para ampliar o entendimento das influências sobre a produção escrita e compreender como estes textos ainda podem ser atualizados para dialogar com a atualidade.

2 UM ESCRITOR ENGAJADO E UM PAÍS EM PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Este capítulo aborda, de forma resumida, a vida e obra de Liev Tolstói, o panorama histórico e social da Rússia à época de produção de *Anna Kariênina* e também uma síntese deste romance considerado “imortal” por Nabokov (2014, p. 190) e um imenso painel da sociedade daquela época. Quanto à vida do autor, foram abordados os principais fatos vivenciados por este e sua cronologia, bem como as principais obras, tendo em vista a necessidade de uma contextualização dos acontecimentos que marcaram sua trajetória pessoal e intelectual, pois ao longo do trabalho serão feitas relações com algumas de suas maiores criações, como *Guerra e Paz* (1863-1869) e *A morte de Ivan Ilich* (1886).

Na contextualização histórica, será apresentado o momento de transformação social vivenciado pela Rússia na segunda metade do século XIX, os dilemas de uma nação em que o capitalismo estava em processo de desenvolvimento, diferente de outros Estados da Europa, bem como o surgimento da produção literária da *intelligentzia*⁵, a opressão da autocracia dos tzares e a necessidade de mudanças, denunciadas por esta classe de escritores, da qual Tolstói é um dos seus representantes.

2.1 LIEV TOLSTÓI: VIDA E OBRA

Um período de crescente transformação estética e cultural, mas também de profundas mudanças sociais marcaram o século XIX na Rússia e também a produção literária de um dos seus maiores escritores: Liev Tolstói.

O conde Liev Nikoláievitch Tolstói nasceu em 1828, na propriedade denominada Iásnaia Poliana, nas proximidades de Moscou. Tolstói descendia de uma família tradicional da nobreza russa, com muitas posses de terras e servos. Ainda em tenra idade, o escritor perde seus pais, sendo educado por tutores. Com cerca de dezesseis anos, Tolstói ingressa na Universidade de Kazan, mas não chega a concluí-la, abandonando os estudos e voltando para sua propriedade em Iásnaia Poliana.

⁵ A expressão *intelligentzia* foi utilizada para definir, a partir da década de 1840, a classe dos homens de uma cultura superior, mas excluídos da vida pública e que com suas obras de poesia e ficção faziam oposição sistemática ao sistema de governo, influenciando a opinião pública e reivindicando reformas, tanto políticas quanto sociais (CARPEAUX, 2011, p. 1791).

Nesse tempo após a faculdade, a intenção dele era de prover melhores condições aos seus servos, pois ainda vivia-se o tempo da servidão. Também a Literatura começa a se tornar uma paixão em sua vida, tendo produzido seus primeiros escritos ainda na década de 1850. Tolstói ingressa no Exército de forma voluntária, tendo em vista que os nobres eram desobrigados do serviço militar⁶, incorporando-se a uma unidade de artilharia, lutando nas campanhas do Cáucaso e no cerco de Sebastopól, em 1854.

Durante sua permanência no Cáucaso, escreve *Infância*, seguida de *Adolescência e Juventude*, obra composta por três partes integradas e com muitos elementos autobiográficos (SOARES, 2012, p. 9)⁷, onde descreve suas experiências com preceptores, familiares e seus anseios desde os primeiros anos de vida. Ainda durante a campanha no Mar Negro, escreve os *Contos de Sebastopól*, onde narra os violentos combates entre russo e turcos⁸.

Em 1856, pede baixa do exército, retornando para sua propriedade em Tula, onde pretende se dedicar à administração dos negócios e introduzir melhorias no sistema de relações com os mujiques e o trabalho agrícola. Na década de 1860, produz uma de suas maiores obras-primas, o romance histórico *Guerra e Paz* (2011), publicado na revista *O mensageiro russo*, entre 1863 e 1869, tratando das invasões napoleônicas contra a Rússia.

Em 1873, começa a escrita de *Anna Kariênina*, também publicada na mesma revista de sua obra anterior. Esta obra marca uma mudança completa no pensamento filosófico e religioso de Tolstói, pois a partir da década de 1880, este propõe uma análise crítica de sua conduta e criações literárias, desinteressando-se por todas as coisas mundanas⁸. O autor preocupa-se cada vez mais com o estudo dos Evangelhos, com as crescentes injustiças sociais do país e se transforma em um crítico ferrenho de diversos aparatos estatais, como o serviço militar obrigatório, a burocratização do Estado, as relações de exploração dos camponeses e também de muitos aspectos do crescente capitalismo que toma conta da Rússia, principalmente após o fim da servidão.

Em 1886, publica a novela *A morte de Ivan Ilich*, uma “obra célebre que provocou comentários dos pensadores contemporâneos que se debruçaram sobre o enigma da morte hoje em dia, como Heidegger.” (ARIÉS, 2012, p. 259). Esta novela trata das questões existenciais do funcionário público Ivan, o qual reconhece toda sua impotência perante a morte, e da construção de uma vida alicerçada em aparências e futilidades.

⁶ Os nobres estavam desobrigados do serviço militar obrigatório, por decreto baixado durante o governo de Catarina, em 1762 (BUSHKOVITCH, 2014, p. 139).

⁷ Conforme prefácio da obra *Infância Adolescência Juventude* (2012).

⁸ Ibidem p. 14

Cada vez mais voltado para uma Literatura engajada na luta contra as injustiças sociais, Tolstói publica, em 1899, o romance *Ressurreição* (2010), o qual trata da história de um nobre que tenta reparar seus erros, absolvendo uma antiga criada abusada por ele, perante um tribunal onde esta é acusada de furto. Esta obra aborda os problemas do sistema carcerário russo, bem como as profundas diferenças entre os estratos sociais.

Ainda na primeira década do século XX, o escritor produz diversos contos e a novela *Khadji Murat* (2009), publicada em 1910. Os conflitos familiares são cada vez maiores entre Tolstói e sua esposa, devido a divergências na administração dos direitos das obras publicadas, das quais o escritor tenta abrir mão do recebimento de qualquer lucro, destinando grandes somas de recursos para a melhoria da qualidade de vida dos camponeses, não somente em sua propriedade, mas por todo país. Em 1907, escreveu um manifesto, pedindo o fim da propriedade privada.

Suas condições de saúde se deterioram cada vez mais e Tolstói falece numa estação de trens, em novembro de 1910, durante uma viagem com destino a um mosteiro, onde vivia sua irmã e local no qual o escritor pensava em se refugiar.

Sobre o legado cultural deste importante escritor russo do século XIX, temos a seguinte assertiva que o define:

Tolstoi foi, sem dúvida, qualquer coisa como a consciência viva da Europa, o grande mestre e educador que exprimiu, como nenhum outro soube fazê-lo, a inquietação moral e a ânsia de renascimento espiritual da sua geração, mas que com seu ingênuo rousseunismo e quietismo, nunca teria conseguido manter-se – se alguma vez foi – o “mestre” da Europa”. (HAUSER, 1973, p. 1046).

A partir desta importância no cenário da Literatura, torna-se relevante a pesquisa e entendimento sobre os aspectos histórico-sociais e suas interpretações desenvolvidas na obra tolstoiana, como forma de compreender o diálogo de *Anna Kariênina* com o presente.

2.2 RÚSSIA: CONTEXTO HISTÓRICO NA ÉPOCA DE PRODUÇÃO DE ANNA KARIÊNINA

Com a finalidade de apresentar o contexto histórico da Rússia, mais precisamente no século XIX, procurou-se priorizar as questões políticas e sociais ocorridas no país, como forma de relacionar fatos importantes que influenciaram as discussões e problemas em *Anna Kariênina*.

O começo do século XIX começa com os conflitos que envolveram a Rússia e a totalidade dos impérios europeus, pois após a Revolução Francesa, a qual não incidiu de forma direta na cultura e sociedade russa, houve uma série de guerras de conquistas territoriais e imperialistas. Desde seus primórdios, pouco se sabia sobre a cultura russa, e foi somente no século XIX que o país se tornou oriental para os europeus, mas este termo não significava elogio: ao contrário, denominava um povo “inferior”, com costumes bárbaros e também despóticos, uma nação obscura (BUSHKOVITCH, 2014, p. 17).

Catarina, a última imperatriz russa do século XVIII, estimulou a introdução de costumes e cultura da Europa, principalmente nas artes, educação e também modelos de leis e instituições públicas, como forma de promover uma abertura cultural no país. Com sua morte, o Estado russo sofre um retrocesso, principalmente com a ascensão ao trono de Paulo, filho da imperatriz, pois existe um fortalecimento da autocracia e da manutenção do poder, em detrimento do desenvolvimento geral da sociedade russa.

A Rússia ainda era pobre demais para financiar um sistema educacional extensivo e todo o governo local sofria da falta crônica de fundos e pessoal. Fora das capitais, grandes cidades e propriedades rurais aristocráticas, a vida continuava como antes, um ciclo de trabalho rural pontuado pela liturgia ortodoxa. (BUSHKOVITCH, 2014, p. 157).

Com esta conjuntura, a Rússia envolve-se nas guerras napoleônicas, entre 1805 e 1812, consumindo grandes somas de capital e vidas humanas para combater o avanço de Napoleão. Com estas guerras, ficou demonstrado o alto custo de se manter um exército permanente⁹, a fragilidade da economia, baseada, sobretudo, na indústria primária e a centralização do poder, com a manutenção da autocracia.

As batalhas contra Napoleão resultam no romance histórico *Guerra e Paz* (1863-1869), síntese de um intenso trabalho de pesquisa documental e com testemunhos orais sobre a História destes conflitos militares, seus comandantes e estratégias, condições dos exércitos envolvidos e também uma reconstituição da atitude e conduta do imperador francês. Permeando a obra, Tolstói constrói um detalhado exame das condições de poder que resultaram na desastrosa campanha francesa, criando a tese de que tanto Napoleão quanto o

⁹ O serviço militar obrigatório era de 25 anos, com o exército formado basicamente de camponeses, os quais eram obrigados a servir numa proporção estabelecida previamente, conforme a região de recrutamento. Sem a emancipação dos servos, era impossível diminuir o tempo de serviço para dois ou três anos, como na maioria dos exércitos europeus, pois havia o risco de os servos, após deixarem o exército, promoverem uma revolução, baseados na instrução militar recebida (NOGUEIRA, 2013, p. 42/43).

tzar Alexandre I decretaram a ordem necessária para o desencadeamento da guerra e seus povos foram os executores da manobra, aliados a uma série de acasos.

Com o fim da ameaça de Napoleão, após seu desastre na batalha de Borodínó¹⁰, em 1812, onde os russos derrotaram o exército francês, a Rússia encontrava-se sob o governo do czar Alexandre I, um monarca que organizou uma abertura política e um relaxamento na censura do Estado, ao contrário de seu antecessor que se preocupou com a centralização do poder. Alexandre I instituiu universidades, com o objetivo de criar o ensino superior no país e teve como desejo manter a nação em harmonia com as transformações da política e cultura no oeste, na Europa.

Conforme Bushkovitch (2014, p. 173), foi que “a partir dos anos de 1816-1817, grupos de jovens oficiais começaram a formar sociedades literárias e de debates mais ou menos secretas, com o objetivo de continuar o intenso diálogo e leitura dos anos de guerra”. Estas sociedades tinham por objetivo a realização de encontros de leitura, produção de poesia e debates sobre a situação econômica e política. Com o passar do tempo, na década de 1820, estas formações começaram a fomentar a ideia de derrubar o imperador e instituir um Estado constitucional.

Com a morte repentina de Alexandre I, em 1825, setores radicais da sociedade, formados a partir das ideias das sociedades literárias, entre outras influências, tentaram tomar o poder, mas foram impedidos por Nicolau, novo czar da Rússia, o qual dominou a resistência dos Dezembristas¹¹.

O movimento revolucionário de dezembro de 1825 foi uma das primeiras tentativas de mudança no tipo de governo da Rússia, influenciado a partir das ideias de grupos de literários, em contato com as transformações ocorridas na Europa na época. A partir da década de 1840, a Literatura russa começou seu desenvolvimento e amadurecimento, como forma de crítica social, política e cultural, em um país cada vez mais autocrático.

“O moderno romance russo é, essencialmente, criação da intelectualidade russa, isto é, daquela elite intelectual que repudia a Rússia oficial e considera a literatura, mais do que tudo, como crítica social, e o romance como crítica ‘social’.” (HAUSER, 1973, p. 1017).

¹⁰ Borodínó foi uma batalha travada entre o exército francês, comandado por Napoleão, e o russo, comandado por Kútuzov, no dia 7 de setembro de 1812 (26 de agosto no calendário juliano). Esta batalha foi decisiva para os russos, pois após este confronto, os franceses abandonaram a capital Moscou. (TOLSTÓI, 2011, p. 2498).

¹¹ Os dezembristas eram formados por intelectuais da classe dos oficiais, os quais tentaram impedir a posse ao trono por parte de Nicolau, como forma de instituir um sistema democrático na Rússia e acabar com a autocracia dos tzares. O conflito entre dezembristas e forças leais ao czar ocorreu em 14 de dezembro de 1825. O pai de Tolstói foi um dos dezembristas.

Autores como Púschkin, Turguêniev e Dostoiévski surgem a partir dos anos 1840-1850, com suas produções voltadas para apresentar um panorama da sociedade russa e também como crítica de um sistema em decadência, necessitado de reformas e mudanças. Tolstói começa sua produção cultural nos anos 1850, época em que a Rússia estava dividida entre o eslavofilismo¹² e a ocidentalização, tendo em vista os acirrados debates entre a manutenção da servidão e os benefícios da classe da nobreza, ou a abertura do país às ideias e políticas econômicas dos Estados europeus, permitindo o desenvolvimento do modelo capitalista, da industrialização e da infraestrutura.

A servidão humana foi abolida em 1861, através do decreto do czar Alexandre (1855-1881), como base para o desenvolvimento do segmento agrícola e uma profunda modificação no sistema de impostos e arrecadações, bem como na estrutura social, com os camponeses livres, mas dependentes do pagamento de pesados tributos ao Estado, conforme dissertação de NOGUEIRA (2013, p. 45/46).

Dentro deste contexto de transformações sociais, do fim da servidão, das novas relações entre senhores de terra e camponeses, do desenvolvimento do capitalismo, da necessidade de industrialização e modernização e das mudanças nos costumes e instituições russas, Tolstói produz *Anna Kariênina*, um romance social amplo descrevendo a vida e sociedade russas, de forma a discutir temas sociais e filosóficos, como forma de entender e representar estas transformações.

2.3 “TODAS AS FAMÍLIAS FELIZES SE PARECEM; CADA FAMÍLIA É INFELIZ À SUA MANEIRA”: BREVE RESUMO DA OBRA ANNA KARIÊNINA

Anna Kariênina foi produzida entre os anos de 1873-1877, sendo a segunda obra de fôlego do autor, após seu romance histórico *Guerra e Paz*. Neste romance, Tolstói apresenta um panorama da vida social e costumes das cidades de Moscou e São Petersburgo, fazendo também um estudo sobre as condições dos mujiques¹³ e o regime de propriedade de terras. Apesar de o título remeter a uma das personagens da trama deste romance social, não se trata apenas de sua vida e vicissitudes, mas de um entrelaçamento de algumas famílias

¹² O eslavofilismo foi um movimento que buscava a manutenção dos valores russos, impedindo a aceitação de ideias ocidentais, ou seja, valorizando as tradições nacionais e religiosas, como forma de evolução da sociedade sem a interferência estrangeira. (HAUSER, 1973, p. 1020).

¹³ Mujique representa o camponês russo, o qual tem certa autonomia perante o senhor de terras e recebe pagamento por seu trabalho, além da responsabilidade de produzir seu sustento a partir das terras cultivadas.

russas, as quais abordam a vida na cidade e no campo, a paixão e o amor, a morte e a existência, o casamento, a religião, a educação das crianças e mulheres, entre outros diversos temas.

Publicada na revista *Mensageiro Russo*, entre 1875 e 1878, a obra foi muito bem recebida nos meios literários, sendo apenas alvo de críticas quanto ao tema da guerra contra a Turquia, junto a sérvios e montenegrinos, um assunto em destaque no cenário político, pois o autor deixa claro sua aversão por este conflito, ao passo que o editor da revista que a publicou, Katkov, nacionalista ferrenho, opôs a sua publicação na íntegra, fazendo com que fosse publicado um resumo da última parte, com o destino dos personagens, conforme FIGUEIREDO (2005, p. 09)¹⁴.

O autor publicou, por conta própria em 1878, os capítulos que faltavam de *Anna Kariênina*, contrariando a opinião da maioria dos intelectuais, como Dostoiévski, que eram favoráveis à campanha russa contra os turcos, em defesa dos sérvios e montenegrinos.

O romance utiliza a oposição familiar e de seus integrantes como forma de representar e discutir os temas e questionamentos, tanto da sociedade como talvez do próprio autor, partidário da necessidade de mudanças políticas, sociais, religiosas e de conduta, como forma de aprimorar as relações entre as pessoas daquela época.

Entre os personagens encontra-se o jovem proprietário de terras Liévin¹⁵, representante da classe da nobreza, homem que questiona e busca um entendimento sobre as relações agrícolas e também respostas para assuntos como a inevitabilidade da morte, as questões existenciais e filosóficas da época. Homem do campo, incapaz de se adaptar ao cotidiano das cidades, Liévin reconhece, inicialmente, o conde Vrónski como seu antagonista. Militar, descendente de família nobre, Vrónski é o típico representante dos salões da nobreza de São Petersburgo e Moscou, orgulhoso de sua carreira e posição na sociedade, ambicioso, o qual apaixona-se por Anna Kariênina e esta paixão será o fio condutor de todo o desenrolar da obra.

Anna é mulher do burocrata Aleksiei Kariênin, homem do serviço público russo, metódico, frio e calculista, para o qual a função que desempenha está acima de todas as outras coisas de sua vida, inclusive sua família. Em oposição à Kariênin, a obra apresenta o fun-

¹⁴ Conforme apresentação da obra *Anna Kariênina* (TOLSTÓI, 2005).

¹⁵ Adotou-se, para fins deste trabalho, a grafia dos nomes constantes na edição da obra em análise. Em outras obras, porém, pode se encontrar variações dos nomes dos personagens, como Lióvin (NABOKOV, 2014, p. 200), Levin (HAUSER, 1973, p. 1037) e Anna Karenina (HAUSER, 1973, p. 1025), entre outros casos.

-cionário Stiepan Oblónski, irmão de Anna e um apreciador da vida social de São Petersburgo, sem preocupações, infiel e que esbanja o pouco dinheiro de sua família, enquanto sua esposa administra a prole numerosa e os problemas domésticos. Oblónski pode ser considerado um típico funcionário de uma repartição pública desnecessária, mantido no cargo apenas por suas relações de amizade.

A cunhada de Oblónski, Kitty Cherbátskaia, vê-se entre o amor por Vrónski e sua recusa e o casamento com Liévin. Após ser trocada por Anna, Kitty passará por momentos difíceis em sua vida e casará com Liévin, criando uma reviravolta na vida do proprietário rural. O romance possui mais de uma centena de personagens, mas este resumo apresentou apenas alguns destes, os quais tem papel fundamental para o entendimento de toda a obra.

3 ANNA KARIÊNINA: UMA ABORDAGEM DAS QUESTÕES HISTÓRICO-SOCIAIS E MORAIS E SUA REPRESENTAÇÃO NA OBRA

Este capítulo aborda as questões histórico-sociais consideradas relevantes para a pesquisa e que estão presentes na obra, bem como sua relação com o momento da História russa e sua representação literária. Buscou-se em autores como Hauser, Carpeaux, Bushkovitch, Schnaiderman, Nabokov, entre outros, o suporte teórico para entendimento das temáticas abordadas nesta parte do trabalho.

3.1 O FIM DA SERVIDÃO HUMANA E SEUS REFLEXOS NAS RELAÇÕES ENTRE NOBRES E CAMPONESES

Conforme Nabokov (2014, p. 242), o período cronológico compreendido pela narrativa do romance está situado entre 1872 e 1876, portanto, cerca de uma década após o fim da servidão humana, ocorrida em 1861. Este tema, entretanto, ocupa um papel de destaque na obra, sob o foco do personagem Liévin, aristocrata, latifundiário por herança e preocupado com as questões agrárias por opção.

Tolstói nos apresenta Liévin com um questionamento inicial sobre o impacto causado no modo de produção dos camponeses com o fim da servidão. Pode-se analisar este impacto sob o ponto de vista econômico e humano, em relação com o momento histórico.

A condição da servidão humana remonta a um período muito anterior ao da época de Liévin, tendo em vista tratar-se de uma relação de poder, da propriedade de um homem sobre outro. A servidão tem seu início no século XVII, com uma mudança profunda na sociedade rural russa daquela época:

Apesar da abertura de novas terras no Sul e do comércio florescente, a Rússia adquiriu uma nova e fatídica instituição, a servidão do campesinato. Praticamente todos os camponeses do Centro e Noroeste da Rússia perderam sua liberdade pessoal no final do século XVI e tornaram-se servos da classe fundiária, dos boiardos e da pequena nobreza, bem como da Igreja. Os detalhes da condição de servo nunca foram definidos no Direito russo, exceto pela disposição de que seus proprietários podiam recapturá-los se fugissem. De início, esse direito do proprietário só podia ser exercido por alguns anos, mas a partir de 1649 ele tornou-se perpétuo. (BUSHKOVITCH, 2014, p. 77).

Portanto, pode-se notar que a condição da servidão humana instituída manteve-se por mais de dois séculos, contribuindo para formar uma profunda diferença social na Rússia.

Enquanto os servos do campesinato não tinham direito algum e apenas o dever do trabalho braçal para remunerar sua posse, os nobres formavam uma camada da sociedade com o direito de possuir tantos servos quanto fosse possível, além de não prestar serviço militar obrigatório ou de trabalhar no serviço público. Estes aspectos formaram uma condição de exploração servil que ao longo do tempo tornou-se nociva ao desenvolvimento russo.

A primeira tarefa de Catarina ao ascender ao trono foi afirmar seu poder e lidar com os negócios não acabados do reinado do seu marido. Ela confirmou rapidamente o decreto dele que abolia o serviço compulsório para a nobreza. (BUSHKOVITCH, 2014, p. 139).

Liévin, como aristocrata e possuidor de grandes propriedades de terras, adquiridas por direito hereditário, tenta entender de que forma as relações entre os nobres e camponeses pode ser compartilhada, em busca de uma maior evolução do sistema agrícola e consequente melhora nos aspectos econômicos e humanos da Rússia.

A servidão humana foi extinta em 1861, pelo czar Alexandre II, como forma de evitar um colapso nas estruturas sociais e também uma revolta do campesinato. A Rússia foi o último país da Europa a abolir este regime de servidão humana, sendo que esta condição impedia o desenvolvimento e modernização da economia e também da renovação da estrutura militar do país. O serviço militar obrigatório era de 25 anos, sendo que a grande maioria dos soldados era de origem camponesa. Não era possível reduzir este tempo de serviço, pois o Império não poderia fornecer treinamento militar aos servos e, após, autorizar seu retorno à vida civil, contribuindo para uma provável revolta armada do campesinato.

Teoricamente, os servos estavam livres, mas na prática a realidade era um pouco diferente. Para compensar as perdas da nobreza, com a cessão de frações da terra para os antigos servos, agora camponeses libertos, estes deveriam pagar impostos ao Estado russo. Primeiramente, haveria um período de

[...] obrigação temporária, no qual eles continuariam a desempenhar alguns deveres de seu antigo *status* de servo; após esse período, eles deveriam pagar anualmente ao governo, durante um período de 49 anos, seis por cento do montante total da compensação dada pelo governo aos seus antigos proprietários. (NOGUEIRA, 2013, p. 46).

Portanto, durante um grande período de tempo os antigos servos teriam de contribuir com impostos que impactariam financeiramente o seu modo de vida e principalmente sua condição social.

Em uma passagem de *Anna Kariênina*, Tolstói apresenta uma discussão entre Liévin e outro senhor de terras, Sviájski, sobre as consequências do fim da servidão. Esta discussão mostra um pouco do dilema de Liévin, sobre uma alternativa de como administrar sua propriedade, ao mesmo tempo em que deve modernizá-la, adaptando-se às novas transformações:

(Liévin) - Então, o que o senhor recomenda? – perguntou. – Como se deve gerir uma propriedade rural, hoje?

(Sviájski) - Ora, do mesmo jeito que Mikhail Petróvitch: ou então é ceder a terra pela metade, ou ter mujiques assalariados; [...] Ali onde a minha terra, no tempo do trabalho servil e da boa gestão rural, rendia nove vezes, num regime de meias, rende só três vezes. A emancipação dos servos arruinou a Rússia! (TOLSTÓI, 2005, p. 329).

Pode-se depreender do trecho acima que o proprietário de terras critica o fim da servidão e atribui ao sistema agrícola de meias¹⁶ a causa dos prejuízos da agricultura. Em contrapartida, Liévin, acredita numa relação de confiança no mujique russo. Para ele, existe a necessidade de se empreender uma parceria agrícola com o camponês e não somente estabelecer uma relação de autoridade ou exploração: “tentemos reconhecê-la não como uma força de trabalho ideal, mas sim como o mujique russo, com seus instintos, e de acordo com isso organizemos a nossa propriedade rural”. (TOLSTÓI, 2005, p. 337).

O romance mostra o dilema vivido pelos senhores de terras: a incapacidade de lidar com a natureza do mujique e, de outro, a desconstrução do modelo de servidão, o qual proporcionava o retorno financeiro, submetendo o camponês a um regime autoritário, enquanto aos proprietários cabia apenas esbanjar a riqueza em uma vida nas grandes cidades. A questão da administração agrícola, discutida por Liévin, tem diversos desdobramentos, sendo desenvolvida por vários capítulos da obra, evidenciando um profundo conhecimento por parte do autor, em suas experiências na propriedade de Iásnaia Poliana.

Tolstói também foi proprietário de terras e libertou seus servos anos antes da ordem oficial para o fim da servidão:

¹⁶ O regime de meias constituía a divisão dos lotes de terras aos camponeses, após o fim da servidão. Este sistema permitia que camponeses tivessem seus lotes distribuídos com grandes intervalos de espaço, entre cada um, diminuindo a produtividade e provocando consequente atraso na produção. (NOGUEIRA, 2013, p. 47).

Foi uma época de grandes preocupações com a situação no campo russo, e Tolstói empenhou-se profundamente na discussão do problema, quer antes, quer depois da emancipação dos servos por ato de Alexandre II, em 1861, manifestando então preocupação com a vida miserável do camponês, mas também com o papel histórico da nobreza russa. (SCHNAIDERMAN, 1983, p. 16-17).

A reflexão sobre o fim da servidão também serve como análise do pensamento e das tendências políticas russas naquele momento, pois além do impacto na economia, este acontecimento provocou a intensificação do debate entre as correntes conservadoras e radicais, entre os seguidores do eslavofilismo e os da ocidentalização da Rússia. De um lado, aqueles que acreditavam no valor das tradições russas e religiosas, contrários à abertura do país para o modelo individualista e capitalista da Europa.

Os partidários do eslavofilismo defendiam a manutenção do Estado vigente pois “em oposição ao livre pensamento cosmopolita e ateísta dos ocidentalizadores, põem em relevo o valor das tradições nacional e religiosa, e proclamam a sua crença mística no camponês russo e na sua fidelidade à Igreja Ortodoxa (HAUSER, 1973, p. 1020). A resistência por parte do eslavófilos em aceitar a ocidentalização, pode-se entendê-la como a manutenção do controle das propriedades e da exploração dos antigos servos como forma de continuidade do sistema de favorecimentos, ao qual a nobreza estava acostumada desde séculos anteriores.

Contrários a esta ideia, os partidários da ocidentalização veem na Europa a solução para os problemas de uma Rússia defasada, em uma abertura para os padrões de cultura e liberdade europeus, como forma de promover o desenvolvimento do capitalismo e também modernizar o sistema econômico, educacional e humano, atrasados em relação a outros países.

3.2 CASAMENTO E DIVÓRCIO NA SOCIEDADE RUSSA

A instituição do casamento tem uma análise profunda em *Anna Kariênina*, tendo em vista que Tolstói apresenta uma união idealizada entre Liévin e Kitty, enquanto desenvolve a questão do divórcio entre Anna e Aleksiei Kariênin.

O casamento para Tolstói representou uma mudança em seu estilo de vida, pois após viver um período de ociosidade na juventude, depois das experiências da guerra do Cáucaso e da Crimeia, ele experimentou uma nova fase com a idealização da família e sua formação, logo após retornar à sua propriedade de Iásnaia Poliana:

Na minha volta, casei-me. As novas condições de uma vida feliz em família me afastaram completamente da procura de sentido geral da vida. Nesse tempo, tudo se concentrava na minha família, minha mulher, meus filhos e, conseqüentemente, sobre o meio de aumentar os meus recursos. Minha aspiração ao aperfeiçoamento, que já havia sido substituída pela aspiração ao aperfeiçoamento geral, ao progresso, cedeu claramente ao meu desejo de ter, para mim e minha família uma vida confortável. (ZWEIG, 1961, p. 54-55).

Na obra, Liévin tem aspirações semelhantes, ao idealizar o casamento como necessário para a efetivação da felicidade. Ao contrário de outros homens de seu tempo, que veem o casamento apenas como mais uma obrigação social, ele acredita que seja a mais importante questão da vida:

Liévin não só era incapaz de conceber o amor a uma mulher sem o casamento como, ainda à frente disso, imaginava uma família e, só depois aquela mulher, que lhe daria a família. Por essa razão o seu conceito de matrimônio divergia do da maior parte de seus conhecidos, para quem o matrimônio era mais uma entre as numerosas obrigações sociais; para Liévin, tratava-se da questão mais importante da vida, da qual dependia toda a sua felicidade. (TOLSTÓI, 2005, P. 104).

Em um primeiro momento, Liévin busca o matrimônio com a princesa Kitty. Após ser rejeitado por ela, em favor do conde Vrónski, Liévin volta para a sua propriedade rural e tenta esquecer a desilusão amorosa. Porém, incapaz de esquecer a recusa de Kitty, o jovem aristocrata vai procurar em outra ocupação o ideal de uma vida completa. Primeiramente, irá procurar nos desafios da administração de sua propriedade o sentido para as relações humanas. Posteriormente, buscará, sem sucesso, uma nova e revolucionária mudança no modo de trabalho com os mujiques, experimentando uma parceria de exploração agrária com estes.

Apesar de todas as tentativas em esquecer a necessidade do matrimônio, Liévin, no seu íntimo deseja casar com Kitty, pois esta é uma condição estabelecida no romance para a sua transformação, tanto no pensamento e questionamentos quanto nas suas atitudes. Após oficializar a união, Liévin observa a vida sob outro ponto de vista. A preocupação com sua propriedade não ocupa o mesmo espaço em seu cotidiano. O jovem aristocrata tem outra concepção do amor, diferente da maneira idealizada e quase perfeita anterior ao casamento:

Liévin estava no terceiro mês de casado. Era feliz, mas não como esperava, em absoluto. A cada passo, encontrava uma desilusão dos antigos sonhos e um novo encanto inesperado. Liévin era feliz, mas, uma vez iniciada sua vida familiar, percebia a cada passo que ela não era de maneira alguma aquilo que havia imaginado. (TOLSTÓI, 2005, p. 472).

Todos estes acontecimentos contribuem para que Liévin mude completamente seu ponto de vista e seja inserido na sociedade à qual ele tanto era estranho no começo do romance. A análise destes aspectos permite compreender a importância dedicada à instituição do casamento como forma de apresentar as relações idealizadas daquele momento histórico e seus costumes. No início da obra, Liévin vê com certo estranhamento as atitudes dos homens nos grandes centros, principalmente dos colegas de Oblónski, em sua visita ao escritório deste: ele repara na aparência das mãos de Griniêvitch, nas suas abotoaduras, exageradas e contrastando com seus gestos (TOLSTÓI, 2005, p. 33).

Oblónski, por sua vez, diante da surpresa do amigo, faz uma relação entre o cuidado pessoal dos homens da cidade e a execução de trabalhos burocráticos, que exigem inteligência, em contraste com a vida rude e simples do campo, a qual Liévin estava acostumado. O casamento permitirá a Liévin uma mudança, social e de costumes, alterando seu ponto de vista acerca dos hábitos e relações vividas nas grandes cidades como Moscou e São Petersburgo.

Em contrapartida, Tolstói trabalha, em oposição à relação de Liévin e Kitty, o casamento de Anna e Kariênin, com a possibilidade do divórcio após o envolvimento dela com Vrónski. Esta oposição permite avaliar a falsa moralidade de algumas relações, presente na alta sociedade russa, resultado de contradições sociais e questionamentos de valores.

Anna era casada com o funcionário público Aleksiei, com o qual tinha uma relação formal e fria, da qual resultou o filho Serioja. Esta formalidade e frieza na relação são representadas no momento em que Anna reencontra seu marido, de volta a São Petersburgo, após o primeiro encontro com Vrónski:

Em São Petersburgo, assim que o trem parou e ela desembarcou, o primeiro rosto que lhe chamou a atenção foi o do marido. “Ah, meu Deus! Por que suas orelhas são assim!?”, pensou ela, enquanto observava sua figura fria e imponente e, em especial a cartilagem das orelhas, que agora a impressionaram, e que pareciam escorar a aba do chapéu redondo. [...] Um sentimento desagradável contraiu o coração de Anna, quando encontrou seu olhar tenaz e cansado, como se ela esperasse vê-lo diferente. Surpreendeu-a, sobretudo, o sentimento de

insatisfação consigo mesma que experimentou ao encontrá-lo. Tratava-se de um sentimento antigo, conhecido, semelhante à condição de hipocrisia que Anna experimentava nas relações com o marido; mas, se antes ela não se dera conta desse sentimento, agora o percebia de forma clara e dolorosa. (TOLTÓI, 2005, p. 112).

Após seu envolvimento com Vrónski, Anna demonstra esta frieza e insatisfação para com seu marido. Porém, a relação entre ambos sempre foi de extremos, pois Tolstói constrói um casal formado a partir de uma necessidade de casamento de um homem público, semelhante à necessidade de Liévin, porém, com uma diferença: enquanto este concebia a felicidade plena na família, Kariênin apenas via como uma etapa social na vida dele, sem ambições familiares ou amorosas.

O envolvimento entre Anna e Vrónski permite desconstruir a relação do casamento, com a possibilidade do divórcio, em uma sociedade em que ainda se praticavam duelos entre homens para a defesa da honra. Anna se rende ao amor ao tornar-se amante de Vrónski, abandona seu filho e marido, que resiste em lhe dar o divórcio, pois como homem público do Estado russo deve zelar pela sua conduta moral. O divórcio pode ser entendido como uma forma de modernização nas relações, um reconhecimento de direitos, embora não de forma igualitária, do homem e da mulher.

O divórcio na sociedade russa daquele momento poderia ser concretizado com base nas seguintes condições: defeito físico dos cônjuges, ausência de cinco anos com paradeiro ignorado e adultério (TOLSTÓI, 2005, p. 367). Estas condições tem semelhanças nos ordenamentos jurídicos da sociedade francesa, a qual influenciou de modo direto o comportamento, a cultura, o conhecimento e também leis, regulamentos e outros aspectos da sociedade russa.

A Revolução Francesa e a morte de Catarina em 1796 foram o fim do século XVIII na Rússia. Durante um século, o Estado, ou mais precisamente os monarcas e suas cortes, haviam se esforçado para transformar o país em moldes europeus e trazer a cultura europeia para a Rússia. A Rússia tinha instituições e leis copiadas de modelos europeus. (BUSHKOVITCH, 2014, p. 157).

Philippe Ariés, em *História da vida privada*¹⁷ apresenta as condições para a sua legitimidade, tendo como exemplo os regulamentos franceses, do início do século XIX, logo

¹⁷ Esta coleção, organizada pelo historiador e sociólogo francês Philippe Ariés, publicada em 1986, apresenta um panorama da formação da vida social da civilização ocidental, do Império Romano à atualidade.

após a Revolução: “A lei agora considera o casamento apenas como um contrato civil. Se o casamento era um contrato civil fundado sobre o consentimento de ambas as partes, ele poderia ser rompido”. (ARIÉS, 2009, p. 32). Como motivos para o pedido do divórcio, estavam a condenação, a sevícia e o adultério.

Na obra, a questão do divórcio apresenta um paradoxo para Kariênin, pois ao mesmo tempo em que o afastaria da presença de Anna, uma mulher condenada pela imoralidade, também exporia sua vida particular, em detrimento de uma carreira pública promissora, demonstrando uma elite social aparentemente preocupada com a moral e os bons costumes.

Kariênin estava sujeito aos preceitos da moralidade religiosa da Igreja Ortodoxa, extremamente rigorosa e influente, definindo a conduta dos homens. Este vê na princesa Lidia Ivanovna uma aliada na luta contra a imoralidade de Anna, convencido de que ao não autorizar o divórcio e ficar com a guarda do filho, estaria punindo de forma severa a esposa. Kariênin conhece outros casos de adultério, mas tem conhecimento de que ao permitir a separação legitimada, estaria contrariando os preceitos da igreja e, sobretudo, colocando em risco sua honra e reputação como funcionário do Estado.

Em *Anna Kariênina*, o divórcio foi uma condição essencial para o desfecho do romance, pois Kariênin não o concede à Anna, contribuindo para seu suicídio, pois ao se tornar uma mulher isolada, criticada por sua imoralidade, ela encontra na morte sua única chance de redenção. Esta oposição casamento e divórcio apresenta uma sociedade em transformação, pois ao condenar a separação, a obra mostra como certas instituições estavam em crise de conduta, apresentando seus defeitos.

3.3 EDUCAÇÃO DE CAMPONESES E MULHERES

A questão da educação de camponeses e mulheres, na sociedade de *Anna Kariênina*, é discutida a partir do ponto de vista de Liévin e de outros personagens. A proposta desta análise é de aproximar as discussões com o contexto histórico e a sua representação na obra como forma de contextualização. Inicialmente, é necessário apresentar as principais discussões em torno do tema da educação no romance.

Tolstói empreendeu projetos pedagógicos para desenvolvimento da educação dos filhos dos camponeses de sua propriedade, muito tempo antes do fim da servidão, entre eles a confecção de livros didáticos e cartilhas para alfabetização.

O interesse de Tolstói pela pedagogia e o seu desejo de eliminar ao menos o analfabetismo entre os camponeses russos levaram-no a alguns anos de dedicação efetiva à atividade de ensinar. Como era seu costume refletir profundamente sobre todo e qualquer assunto que lhe interessasse, registrando tudo, depois de fundar uma escola em sua própria casa, em Iásnaia Poliana, editou a “Revista da Escola de Iásnaia Poliana”. (RABELLO, 2009, p. 13).

Esta proposta demonstra a preocupação com o alto índice de analfabetismo entre os mujiques e também uma forma de melhorar a educação, privilégio das classes abastadas daquela época, como forma de diminuir as diferenças sociais, tão criticadas pelo autor em outras produções. Como membro do *ziemstvo*¹⁸ local, responsável pela tomada de decisões sobre melhorias na região, Liévin demonstra, inicialmente, ignorar a importância da educação para os camponeses, sobretudo baseado na condição de que estes são apenas parceiros de trabalho no campo, sem demonstrar real interesse por este tema. Ele não possui uma posição definida sobre a situação de atraso do camponês, ao mesmo tempo em que não concorda com a importância de escolas e educação no distrito da sua propriedade:

(Serguei) - Ora, me desculpe, mas isso é injusto...Posso lhe dar milhares de exemplos...Mas, e as escolas?

(Liévin) – Para que escolas? –

(Serguei) O que está dizendo? Será que pode haver a menor dúvida a respeito de proveito da instrução? Se ela faz bem a você, fará também a todos. [...] Não, pode perguntar a quem quiser – retrucou Konstantin Liévin, com firmeza – Um trabalhador alfabetizado é imensamente pior. (TOLSTÓI, 2005, p. 247-248).

O trecho acima representa o pensamento de Liévin, de que a educação não tem utilidade para o camponês, em virtude de seu natural desinteresse e dificuldade de compreender as instituições modernas. Esta afirmação de que o camponês é desinteressado, não necessitando de educação, representa a situação do sistema educacional na Rússia do século XIX, reforçando um contraste entre as classes dos nobres, com acesso à instrução de qualidade e contato com a cultura da Europa, e a dos mujiques, com pouco ou nenhum acesso, contribuindo para uma falta de expectativas ou melhorias para estas classes.

Não somente os camponeses tem o acesso negado à educação, pois a obra retrata a situação de uma classe sem muitos direitos na sociedade russa: as mulheres. Kitty, uma jovem de família nobre, como uma frequentadora dos salões de Moscou e como muitas moças da-

¹⁸ O *ziemstvo* era uma espécie de conselho administrativo local, que cuidava de estradas, pontes, educação pública, saúde e outros assuntos. Foi instituído em 1864, através de decreto, (BUSHKOVITCH, 2014, p. 214).

-quele tempo, teria uma educação realizada em casa, por preceptores e outros professores, mas voltada unicamente para as boas maneiras e de como ser uma mulher de família, preparada para o casamento, talvez uma das únicas opções de futuro das meninas daquela época.

O modelo de educação de Kitty representa apenas sua classe, pois as demais, camponesas ou mulheres da burguesia não tinham muitas condições de estudo. Apesar de ser uma nação com centenas de anos de História e, vizinha de um continente onde muitas reformas estavam em andamento, foi somente no ano de 1859 que as mulheres foram autorizadas a frequentar cursos superiores na Rússia. Esta abertura do ensino acadêmico às mulheres demonstra a reformulação e a expansão das universidades, juntamente com uma diversificação social no ensino. A ideologia radical, ao contrário das correntes conservadoras, apoiava o ingresso das mulheres nas academias, como forma de promover as mudanças políticas e sociais.

A expansão das universidades significava que muitos estudantes eram muito mais plebeus que seus predecessores – filhos de sacerdotes, pequenos oficiais e nobres cuja renda, para dizer o mínimo, não correspondia à sua condição. Após 1859, as mulheres entraram aos poucos nas universidades, e sua presença, inteiramente de acordo com a ideologia radical, propiciou um papel capital para as mulheres no movimento revolucionário. (BUSHKOVITCH, 2014, p. 222).

A questão da educação das mulheres tem relação com a possibilidade de emancipação, em um contexto social extremamente patriarcal. Durante uma discussão entre Aleksiei Kariênin, Stiepan Arcáditch e outros personagens, durante um jantar na residência deste último, esta relação foi debatida:

E a conversa, prontamente, saltou para o novo tema da educação das mulheres. Aleksiei Aleksándrovitch manifestou a ideia de que a educação das mulheres geralmente se confunde com a questão da emancipação das mulheres e só por isso pode ser considerada nociva. – Eu, ao contrário, creio que as duas questões estão indissolúvelmente ligadas-retrucou Piestsov. – É um círculo vicioso. A mulher está privada de direitos por falta de instrução e a falta de instrução decorre da ausência de direitos. É preciso não esquecer que a escravização das mulheres é tão grande e tão antiga que nós, muitas vezes, não queremos compreender o abismo que nos separa delas – disse. (TOLSTÓI, 2005, p. 385-386).

O diálogo demonstra uma preocupação com a emancipação feminina e a educação. Por um lado, as mulheres não tinham direitos, ou condições de exigir e debater qualquer necessidade, pois em uma sociedade extremamente moralista, este fato evidenciaria a possibilidade de revolução social, contrária aos preceitos patriarcais e religiosos, deixando de ser dependente do marido; por outro lado, as mulheres necessitavam de instrução, como forma de construir uma possibilidade de ingresso no serviço público e outras atividades exercidas pelos homens. Este questionamento do personagem Piestsov remete a uma necessidade de transformação no papel social feminino, com seu ingresso na educação, semelhante aos homens e também o acesso à carreira pública.

Vrónski também julga desnecessária a existência de liceus para mulheres, iniciando uma discussão com Anna sobre a importância destes estabelecimentos (TOLSTÓI, 2005, p. 724). O nobre desdenha da real necessidade da inglesa Hanna, protegida por Anna, ter conhecimentos de Física. Para as mulheres daquela época, na visão de homens como Vrónski, somente é necessário o conhecimento da administração da casa e criação dos filhos, não sendo importante a educação ministrada em liceus e outros estabelecimentos.

Na enorme diferença de direitos entre as classes sociais russas e entre gêneros, destaca-se o desprivilegio de mulheres e camponeses, quanto ao acesso à instrução. Para a classe dos mujiques, este acesso somente se desenvolveria no próximo século, com o fim da Rússia essencialmente rural, pois era de suma importância a permanência destes na ignorância e na falta de conhecimento, como forma de manutenção do governo czarista.

A emancipação das mulheres era uma das principais causas tanto para os liberais como para os radicais, pois ambos viam a família patriarcal como um espelho da autocracia política que governava o país. Finalmente, em 1876, o governo autorizou “cursos para mulheres” que ofereciam formação universitária mas não o diploma, a não ser em certas profissões como professora e parteira, julgadas adequadas para mulheres. (BUSHKOVITCH, 2014, p. 242).

Anna Kariênina transcorre durante o período de rompimento da situação de família patriarcal para um modelo onde a mulher teria mais cultura e independência, um processo longo que demandaria muitas décadas até ser consolidado plenamente, mas que já questionava estas diferenças entre homens e mulheres.

3.4 BUROCRACIA E CORRUPÇÃO NO ESTADO RUSSO

O imenso sistema público russo, ineficiente e com um enorme número de funcionários, foi tema de diversas críticas na Literatura russa ao longo do século XIX. Na peça *O Inspetor Geral* (1836), de Nicolai Gógol, o autor satiriza as mazelas da burocracia russa, através de personagens apavorados com a iminente inspeção por parte do governo, em uma pequena cidade provincial, e que poderia demonstrar toda a corrupção e desmando nas repartições. O czar Nicolau I foi na estreia da peça e criticou profundamente este retrato do Estado, ameaçando Gógol com sua expulsão do país, conforme PATRICK (2008, p. 157).

A burocracia e a corrupção no sistema público russo tem uma representação na obra sob dois pontos de vistas diferentes: o de Kariênin e de Oblónski. O marido de Anna, de família com poucas posses, desempenhou a carreira como funcionário dedicado à causa do Estado, metódico e eficiente, um ferrenho defensor da moral e dos bons costumes, apresenta uma faceta racional e fria nas resoluções das necessidades das pessoas e dos problemas de sua repartição.

Oblónski, cunhado de Anna, representa outra faceta do serviço público: homem acostumado à frivolidade das relações humanas na capital, São Petersburgo, protagonista de um caso de adultério logo no início do romance, amante das boas coisas da vida, em busca de uma melhoria no seu cargo público e de um melhor ordenado, passa o tempo de forma despreocupada na repartição e procura amigos influentes para sua ascensão profissional.

O sistema público russo possuía um grande número de funcionários, mas este excesso de pessoal não representava uma eficiência nos serviços prestados:

Sob muitos aspectos, a burocracia russa era sem similar. Originária dos quadros domésticos dos príncipes medievais, continuou a agir como serviço pessoal do monarca, e não como um corpo de funcionários públicos da nação. (PIPES, 2012, p. 27).

Este devotamento do servidor público à disposição do czar não somente deixava ineficiente o serviço como também restringia suas atitudes em detrimento da população, pois muitos destes funcionários somente agiam em prol da figura real e dos seus interesses. Entretanto, alguns funcionários, como Kariênin, desempenhavam sua função de forma eficiente, contribuindo para o andamento das ações do governo russo.

O marido de Anna tem uma rotina previamente organizada e uma pontualidade rigorosa na execução de seus afazeres públicos. A relação entre Kariênin e Anna também é pautada por horários e costumes diários, denotando uma relação fria entre ambos e que tende a ser um dos motivos para a separação e conseqüente paixão dela pelo nobre Vrónski.

A rotina de Kariênin é pautada por compromissos, despachos e jantares, sobrando pouco tempo para ter com a esposa e seu filho:

Aleksiei Aleksándrovitch voltou do ministério às quatro horas, mas, com acontecia muitas vezes, não teve tempo de ir ter com a esposa. Seguiu direto para o escritório a fim de receber pessoas que o aguardavam com petições e assinar alguns documentos trazidos pelo secretário. [...] Às cinco horas em ponto, o relógio de bronze do tempo do czar Pedro I não havia soado ainda a quinta badalada quando entrou Aleksiei Aleksándrovitch, de gravata branca e fraque, com duas medalhas em forma de estrela, pois teria de sair logo após o jantar. Cada minuto da vida de Aleksiei Aleksándrovitch estava distribuído e ocupado. [...] “Sem pressa e sem descanso”, era o seu lema. (TOLSTÓI, 2005, p. 117).

Enquanto Aleksiei desempenha suas funções burocráticas com rigor e pontualidade, relegando a relação com Anna e seu filho a um segundo plano, o funcionário Stiepan Oblónski tem uma rotina diferente. O príncipe Oblónski esbanja grandes quantias de dinheiro em jantares e recepções, enquanto sua esposa, Dolly, administra a família numerosa e a residência, sofrendo privações.

Entre os dois funcionários existem algumas diferenças sociais. Kariênin descende de família com poucas posses e, logo após sua formação na universidade, prestou concurso de admissão e formou sua vida profissional ao longo dos anos. Oblónski tem um título de nobreza¹⁹, príncipe, não sendo descrita no romance sua forma de ascensão ao cargo.

Portanto, pode se deduzir que, na situação de nobre, Stiepan conseguiu sua função através de indicação, pois semelhante ao serviço militar, ao qual a nobreza não estava sujeita, também o emprego nas repartições russas não era obrigatório aos nobres.

Ao mesmo tempo em que não previa o serviço público como obrigatório aos nobres, o governo proporcionava um sistema de postos para a ascensão da carreira pública, com indicações do czar, direito por nobreza hereditária, relações com pessoas influentes como requisitos para uma carreira de sucesso e boa remuneração:

Talvez o traço mais surpreendente do serviço público russo fosse o sistema de postos – *chin* – introduzido por Pedro, o Grande, em 1722. [...] Catarina, a Grande, que assumiu o trono mediante um golpe que resultou na morte de seu marido, Pedro III, procurou garantir sua posição comprando a nobreza e a burocracia. No seu reinado, a conquista dos postos mais altos passou a ser por antiguidade. (PIPES, 2012, p. 28).

¹⁹ Os títulos de nobreza não tinham relação com a família real, sendo apenas prerrogativas conferidas às famílias tradicionais pelo czar, de acordo com sua posição social.

Portanto, para galgar os postos mais altos da burocracia necessitava-se de indicação do tzar, mas para os cargos intermediários esta ascensão poderia ser feita a partir de contatos pessoais e amizados. O cargo de Oblónski não permitia uma renda anual satisfatória para o seu estilo de vida, sendo desta forma um motivo para o excêntrico funcionário buscar uma função com melhor remuneração.

Os negócios de Stiepan Arcáditch estavam em péssima situação. [...] O ordenado inteiro era consumido pelas despesas domésticas e pelo pagamento de dívidas miúdas e inadiáveis. Não havia dinheiro algum. [...] A causa, a seu ver, era que ele ganhava um ordenado excessivamente baixo. O cargo que ocupava já tinha sido, seguramente, muito bom, cinco anos antes, mas agora já não era mais. [...] Portanto, tratou de ficar atento e, ao fim do inverno, descobriu um cargo muito melhor e lançou-se ao ataque, de início a partir de Moscou, por intermédio das tias, dos tios, de amigos, e mais tarde, na primavera, quando o assunto estava maduro, foi pessoalmente para Petersburgo; tratava-se de um cargo de membro da comissão conjunta da agência de crédito mútuo e de balanço da estrada de ferro do Sul e instituições bancárias. (TOLSTÓI, 2005, p. 704).

Stiepan possui propriedades rurais, sendo uma parte destas vendida para pagamento de dívidas, pois ele dissipa grande parte da fortuna própria e da mulher em eventos sociais e numa rotina de aparências. Ele representa uma nobreza desvinculada da terra e dependente do Estado. A forma como o irmão de Anna busca o novo cargo também demonstra uma forte relação de favorecimento pessoal na ascensão dos cargos, pois somente através da indicação de amigos ou familiares influentes, ele teria alguma chance de sucesso. Os cargos tem nomes longos, sendo uma forma de crítica do autor quanto a vários ministérios, comissões e repartições serem irrelevantes, talvez desnecessários, servindo somente para o consumo de recursos do Estado.

O marido de Anna não tem propriedades latifundiárias, ao menos não há menção a este fato na obra, dedicando-se somente ao serviço nas repartições públicas. Ao contrário de Oblónski, ele demonstra total contrariedade ao fato deste receber altos salários por uma função desconhecida, contrários à diretriz de seus projetos, orientados para a economia estatal. Kariênin demonstra total servilismo a serviço do governo e representa ser qualificado e honesto em suas funções. Para o sucesso na carreira pública eram necessárias duas características: “Na verdade, para ingressar no quadro e ser promovido, bastavam apenas duas qualificações: obediência e lealdade totais” (PIPES, 2012, p. 28). Além destes requisitos, Kariênin era culto, em oposição a Stiepan Oblónski, servidor que buscava favorecimentos

peçoais e devia sua posição ao título de nobreza de sua família, sem demonstrar preparo ou cultura.

3.5 ASPECTOS EXISTENCIAIS E MORTE

O tema da morte foi um assunto recorrente e que tem diversas interpretações na obra de Tolstói: a sua inevitabilidade, a necessidade para a renovação da vida, a desconstrução de tudo a que o ser humano está acostumado, bem como a relação com a religiosidade e a moral. Na trilogia *Infância, Adolescência, Juventude* (1852-1857), quando Tolstói ainda era um escritor desconhecido da crítica, ele tratou do tema ao narrar a morte da mãe de Nikolai Irtêniev, o personagem central da obra. Em uma passagem do romance, o protagonista narra o desconforto profundo sentido diante da perda e a ritualização do ato fúnebre, sob o ponto de vista de um garoto.

A novela *A morte de Ivan Ilicht* (1886), produzida no retorno de Tolstói à Literatura após um longo tempo sem produções, aborda a questão do fim da existência sob o ponto de vista de um funcionário público, Ivan Ilicht. Este homem viveu uma vida de aparências, superficial e relembra toda a sua trajetória diante da morte iminente, tratada de forma natural nesta novela. Pode ser considerada tanto uma crítica às relações de aparência como uma reflexão sobre a vida.

Em *Anna Kariênina*, Tolstói apresenta a morte de um vigia, logo no início da obra, posteriormente, a morte do irmão de Liévin, Nikolai, e ao final, o suicídio de Anna. Para fins desta pesquisa, será analisada somente a morte de Nikolai e de Anna.

Nikolai, aparentemente, tinha relações estremecidas com Liévin pelo motivo da divisão da sua parte na propriedade deste e também por uma série de divergências, tanto de conduta quanto de opiniões. Quando o personagem é apresentado na obra, sofre do vício do alcoolismo e também da tuberculose, gerando em Liévin um questionamento da falta de perspectiva do irmão e da tentativa de enganar-se a si mesmo.

Na visita de Nikolai ao irmão, em sua propriedade, a proximidade da morte e sua inevitabilidade se torna clara na perspectiva de Liévin:

Liévin ficou muito tempo acordado, ouvindo o irmão. Os pensamentos de Liévin eram os mais variados, porém o fim de todos os pensamentos era um só: a morte. A morte, o inevitável fim de tudo, se apresentava a ele pela primeira vez com força irresistível. E essa morte, bem ali, no seu irmão tão amado, que gemia semiadormecido e que, como de hábito, apela de forma indiferente ora a Deus, ora ao

Diabo, não se mostrava nem um pouco remota, como antes lhe parecia. A morte estava também nele mesmo – Liévin o sentia. Se não hoje, amanhã, se não amanhã, dali a trinta anos, e não daria no mesmo? Mas o que era essa morte inevitável, ele não só ignorava, não só jamais pensara no assunto, como não era capaz de pensar e nem mesmo se atrevia a isso. (TOLSTÓI, 2005, p. 346).

Pela primeira vez Konstantin Liévin percebe a morte como algo inevitável, mas inexplicável ao mesmo tempo. Esta inevitabilidade se opõe a todos os projetos de vida e de negócios, pois até este momento, na obra, Liévin desenvolvia de forma intensa ideias futuras para sua propriedade, apesar de não ter definida sua situação social ante o casamento. A presença do irmão, com sua precária condição de saúde, desconstrói toda a expectativa de vida futura, pois aproxima de Liévin um fato natural, mas que até aquele momento ele não tinha questionado ou procurado explicações.

Esta busca pelo entendimento da morte será um questionamento que permeará o restante da obra, com o protagonista em constante contradição filosófica e existencial, pois quando este encontrou no projeto de administração de sua fazenda um motivo para dispender todo seu trabalho e atenção, agora a questão do fim da existência põem em dúvida todo este esforço.

Tolstói representa através de Liévin e Kitty e sua atitude diante da morte uma nova abordagem literária:

Sem dúvida, encontramos, na origem, um sentimento já expresso na segunda metade do século XIX: aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e a ocultar-lhe a gravidade de seu estado. Admitese, contudo, que a dissimulação não pode durar muito. [...] Em suma, a verdade começa a ser problemática. [...] Nada mudou ainda nos ritos da morte, que são conservados ao menos na aparência, e ainda não se cogita em muda-los. Mas já se começou a esvaziá-los de sua carga dramática, o processo de escamoteamento teve início; esse processo é bem perceptível nas narrativas sobre a morte em Tolstói. (ARIÈS, 2012, p. 85).

No encontro entre os dois irmãos, na propriedade rural, apesar de toda uma carga emocional nos gestos, olhares e atitudes, Liévin e Nikolai disfarçam o fato que não podem aceitar, não revelam verbalmente a si a gravidade da situação, evitando a perturbação e a emoção. Este processo citado por Ariès é realçado quando Nikolai está nos estertores da vida, pois quem lida com praticidade e racionalidade com a morte iminente é Kitty, esposa de Liévin. Este, ao contrário, fica perturbado com o fim do irmão, demonstrando insegurança e

receio em admitir frente a Nikolai a inevitabilidade da morte, como forma de amenizar seu sofrimento enquanto a esposa age com bondade, sem incentivar falsas ilusões ao doente.

Esta diferença de atitude diante do enfermo faz com que Kitty conquiste sua admiração, ao contrário do marido que não se sente à vontade e tranquilo em sua presença, demonstrando tensão.

Pisando de leve, a todo instante voltando os olhos para o marido e mostrando a ele um rosto corajoso e solidário, Kitty entrou no quarto do doente e, depois de se virar sem pressa, fechou a porta sem fazer ruído. Rápida e com passos silenciosos, aproximou-se do leito do enfermo e, dando a volta de modo que ele não precisasse virar a cabeça, tomou na sua mão fresca e jovem o esqueleto da mão enorme do doente, apertou-a e, com aquela vivacidade tranquila, tão própria às mulheres, que demonstra compaixão sem ofender, começou a falar com ele. (TOLSTÓI, 2005, P. 485).

A cena da morte de Nikolai contribui para uma mudança do ponto de vista de Liévin, pois ao enfrentar a triste situação do irmão ele tem uma certeza no amor por Kitty e de que esse sentimento é necessário ao ato de viver e amar. Através do amor por sua esposa ele descobre o sentido de seus questionamentos. Desde esse momento no romance, o protagonista acredita no amor, nas atitudes e gestos mais simples, como forma de viver e entender os mistérios da existência. Todos os seus projetos de administração, os tratados sobre agricultura, preocupação com dinheiro e outros empreendimentos que antes pareciam importantes são redimensionados, para Liévin agora basta o essencial, o modo simples de vida dos mujiques, o contato com a natureza e infundir à vida o sentido do bem e praticá-lo.

Em relação à protagonista Anna, a obra apresenta a cena do seu suicídio, em uma estação ferroviária. A primeira morte ocorrida em *Anna Kariênina*, durante o primeiro encontro entre esta e Vrónski, prenunciava o fim da mulher que desafiou as convenções sociais e que se entregou totalmente à paixão. Enquanto buscava o divórcio, Anna isolou-se completamente da sociedade e Vrónski manteve a sua rotina de compromissos sociais, contribuindo para um conflito sentimental entre ambos. Em referência ao isolamento de Anna provocado pela sociedade, Nabokov destaca:

Enquanto Anna suporta o peso da ira da sociedade, é desprezada, insultada e posta no ostracismo, Vrónski, como homem - não muito profundo, nem muito talentoso, mas sempre na moda-, não é atingido pelo escândalo: recebe convites, vai a lugares, se encontra com velhos amigos [...] Anna interpreta erradamente algumas deslealdades triviais

como uma queda na temperatura do amor de Vrónski por ela. (NABOKOV, 2014, p. 197).

A busca pelo suicídio pareceu à Anna a melhor forma de se vingar da suposta indiferença do amante e também da inevitabilidade de sua situação familiar, agravada pelo seu isolamento. Esta atitude representa a falência da consciência da personagem, pois seu conflito interior e seu remorso superam a razão. Anna abandonou uma família, enfrentou o preconceito da sociedade e, no seu entendimento, isto não era suficiente para manter o amor do nobre Vrónski.

Anna comete suicídio, após mais um desentendimento com o amante e depois de visitar sua cunhada Dolly, e Kitty, a qual não consegue esconder sua aversão por uma mulher perdida, pecaminosa. Nesta parte do romance, Tolstói faz uso do fluxo de consciência, para demonstrar as cenas na mente da personagem, intercaladas com as cenas do cotidiano de Moscou. Nabokov afirma que “O fluxo de consciência ou monólogo interior é um método de expressão inventado por Tolstói, um russo, muito antes de James Joyce”. (2014, p. 235).

Com a evolução deste fluxo de consciência, Anna percebe que a única alternativa para seu sofrimento é a morte, e sua razão se deteriora de forma irreversível. Após viajar de trem, sem um destino planejado, ela decide descer em uma estação e finalizar sua existência de uma forma dramática:

Queria cair embaixo do primeiro vagão, bem no meio, que se aproximava. [...] Envolveu-a um sentimento parecido ao que experimentava, quando se preparava para entrar na água, ao tomar banho, e Anna fez o sinal da cruz. O gesto familiar despertou, em seu espírito, toda uma série de recordações de infância e de mocidade e, de repente, as trevas que encobriam tudo para Anna se romperam e a vida, por um momento, apresentou-se com todas as radiantes alegrias passadas. (TOLSTÓI, 2005, p. 750-751).

A questão da morte nesta obra foi apresentada sob o ponto de vista de Liévin e Anna e, em ambos, significou um breve momento de esclarecimento sobre os mistérios da vida. A inevitabilidade da morte e a perspectiva da desconstrução de todos os projetos humanos permitiram a Liévin entender que o maior valor da existência está no modo simples das relações pessoais e no amor ao próximo, pois sem estes requisitos o homem não consegue infundir um sentido ao ato de viver e todos os outros aspectos se tornam irrelevantes e superficiais.

Para Anna, a morte significou um modo de castigo e remorso para o amante e o restante da sociedade que a julgou e o esclarecimento do seu modo de vida, pois conforme o trecho em destaque “as trevas que encobriam tudo para Anna se romperam”, está implícito o sentido de uma existência feliz, transformada em sofrimento por suas escolhas, mas que poderia ser mudado a partir de suas atitudes. Entretanto, Anna tem este momento de elucidação da sua conduta e exprime uma reação de fugir da morte, mas é muito tarde para sobreviver, resignando-se com o fim da vida e pedindo perdão por seus atos.

4 CULTURA E NATUREZA, AMOR E PAIXÃO, VIDA NO CAMPO E NA CIDADE: ANÁLISE DOS ELEMENTOS EM OPOSIÇÃO NA OBRA

Este capítulo pretende analisar e discutir os conceitos em oposição na obra, como forma de abordar as questões morais e sociais, bem como apresentar a ideologia do autor em relação aos temas discutidos. Através do ponto de vista do personagem Liévin pode-se entender a oposição entre cultura e natureza como um recurso para confirmar a unicidade da obra de Tolstói, em que o personagem está dividido entre a vida nos grandes centros e o ciclo natural e orgânico do campo, uma busca pelo equilíbrio que somente a natureza pode proporcionar em tempos de conflitos e questionamentos humanos, baseado na concepção de Lukács de que o autor busca uma totalidade para os seus personagens, encontrada somente na epopeia.

Com a relação Anna e Vrónski, poderá se pensar o valor do amor metafísico e transcendental em oposição ao amor carnal, efêmero e breve. Nabokov define os conceitos de amor metafísico e paixão como fatores divulgadores da ideologia de Tolstói, da defesa do matrimônio e da formação da família. Para finalizar, será realizada a abordagem do conceito de cronotopo, conforme estudos de Bakhtin e Reis, como um dos elementos organizadores e central no romance, a partir da perspectiva do cronotopo rural e urbano e sua relação temporal.

4.1 LIÉVIN: UM SENHOR DE TERRAS DIVIDIDO ENTRE A CULTURA E A NATUREZA

Anna Kariênina contrapõe espaços e ideias ao longo do desenrolar do drama dos seus personagens. Entre as dualidades presentes, pode-se destacar a oposição campo e cidade, cultura e natureza, amor e paixão, praticidade e burocracia entre outras. A oposição entre campo e cidade, conseqüentemente, contribui para a da cultura e natureza, sendo Liévin o protagonista dos conflitos gerados a partir destes antagonismos, como um indivíduo em contradição entre sua situação social de nobre e a condição da vida no campo.

O romance, como gênero surgido na Inglaterra do século XVIII tem como uma de suas características a individualização de seus personagens:

O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores

refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. (WATT, 2010, p. 13).

Ao contrário da epopeia, o romance não se passa como uma totalidade de vida fechada e imutável, sem necessidade de questionamentos, mas como uma realidade problemática e fragmentada, onde o indivíduo procura por respostas para seus anseios e conflitos e opõem-se às convenções sociais estabelecidas. Liévin busca uma harmonia nas relações, contribuindo para a ocorrência da característica do épico no romance *Anna Kariênina*, pois somente no mundo orgânico, no ambiente rural, que ele a encontrará, no contato com as pessoas do campo.

Pode-se relacionar o campo, na obra, como o espaço onde Liévin desenvolve seus projetos de senhor de terras, seus estudos sobre a condição dos mujiques e mantém um relacionamento idealizado com estes. Na cidade, o personagem não suporta as convenções sociais e suas frivolidades, sendo identificado até como um homem excêntrico, o qual prefere o campo à capital. Conforme Lukács, uma das características das obras de Tolstói é o conflito entre um mundo orgânico e o convencional:

Depois de Turguiêniev, romântico da desilusão essencialmente “europeu”, Tolstói criou essa forma de romance com a mais forte transcendência rumo à epopeia. A grande mentalidade de Tolstói, verdadeiramente épica e afastada de toda forma romanesca, aspira a uma vida que se funda na comunidade de homens simples, de mesmos sentimentos, estreitamente ligados à natureza, que se molda ao grande ritmo da natureza, move-se segundo sua cadência de vida e morte e exclui de si tudo o que é mesquinho e dissolutivo, desagregador e estagnante das formas não-naturais. (2000, p. 152-153).

A propriedade de Liévin desempenha o papel de condicionador dos sentimentos e atitudes simples, relacionadas à natureza, em oposição ao espaço urbano, onde as relações pessoais são mesquinhas e desagregadoras, sob seu ponto de vista. O herói tolstoiano procura como se inserir neste espaço de vida simples, deixando as convenções sociais da cidade, de forma a participar de eventos da rotina pastoril dos camponeses. A cena em que Liévin concentra todo seu esforço no ato de ceifar os campos e de se inserir no mundo rural, interagindo com os mujiques mostra de que forma Tolstói procura na obra o sentido de uma vida completa para seu herói:

Alguns dos mujiques, justamente os que mais haviam discutido com ele por causa do feno, os mujiques a quem ele ofendera, ou que quiseram enganá-lo, esses mesmos mujiques o saudaram alegremente e, era evidente, não tinham e não podiam sentir por ele nenhum rancor, não experimentavam não só nenhum arrependimento como já não tinham a menor lembrança do motivo por que quiseram enganá-lo. Tudo isso afundara no mar do alegre trabalho em comum. Deus deu o dia, Deus deu as forças. E o dia e as forças são consagrados ao trabalho e, no trabalho, tem sua própria recompensa. Mas para quem é o trabalho? Quais serão os frutos do trabalho? Tais reflexões eram descabidas e fúteis. Liévin muitas vezes se encantava com essa vida, muitas vezes experimentava um sentimento de inveja pela gente que vivia assim, mas nesse dia, pela primeira vez, especialmente sob a influência do que observara na atitude de Ivan Parmiénov com relação à sua esposa, veio a Liévin pela primeira vez a ideia de que dependia dele mesmo transformar essa vida enfadonha, ociosa, artificial e individualista que levava, naquela vida trabalhadora, pura e de um encanto coletivo. (TOLSTÓI, 2005, p. 277-278).

As atitudes dos mujiques, indiferentes à ofensa de Liévin por questões irrelevantes, demonstram como estes homens do campo priorizam a simplicidade do ato de trabalhar, de se relacionar e viver em harmonia com a natureza. Os camponeses, na visão do protagonista Liévin, contribuem para ratificar o que Lukács chamou de homens simples, atrelados ao curso da natureza e que excluem sentimentos desagregadores, comuns nas relações sociais do mundo da nobreza nas capitais.

Para Lukács, a natureza foi para Tolstói “a garantia efetiva de que além do mundo das convenções, existe uma Vida real”, (LUKÁCS, Apud STEINER, 2006. p. 64), o que está explícito na escolha de Liévin pela vida simples do campo. O personagem procura influenciar o pensamento das pessoas ao seu redor, em relação ao trabalho agrícola e às relações de exploração entre as classes sociais, mas ao fim do romance ele adapta-se, de forma involuntária, ao cotidiano e costumes da cidade, antes estranhos ao seu modo de pensar. A complexa mudança em relação ao mundo das convenções ocorre após o casamento com Kitty e a ida para Moscou, onde o casal aguarda a chegada do filho:

Não há situação a que uma pessoa não possa habituar-se, sobretudo quando vê que todos à sua volta vivem assim. Três meses antes, Liévin não poderia acreditar que conseguiria adormecer tranquilamente na situação em que se achava agora; não poderia acreditar que, vivendo uma vida sem propósito, sem sentido, uma vida, além do mais, acima dos seus recursos [...] não poderia acreditar que ele conseguiria, em tal situação, adormecer tranquilamente. (TOLSTÓI, 2005, p. 692).

Constata-se nesta cena que o imenso contraste entre campo e cidade provoca em Liévin uma necessidade de adaptação, pois ao entrar em contato com a cultura percebe que as pessoas ao seu redor mudaram as concepções e continuam a viver tranquilamente, sem conflitos aparentes. No início da obra, Liévin resistia aos costumes urbanos, muitos deles desnecessários em sua visão prática de mundo. O ponto de vista do personagem se altera enquanto convive na capital, pois é inevitável a sua inserção social e a aceitação das convenções para a manutenção da sua condição, tendo o casamento contribuído de maneira essencial nesta transformação.

Para Liévin, o casamento representa a concepção do amor em sua forma plena, como uma necessidade de todo homem. Ao entregar-se ao amor por Kitty, ele cumpre todas as normas de etiqueta, abre mão do tempo para seus projetos, antes tão importantes na propriedade e consome os recursos financeiros sem questionamentos como forma de cumprir as obrigações do homem de família.

O homem urbano absorve a resistência à sociabilidade de Liévin, o qual, no entanto, permanece um questionador sobre as condições de existência e morte quando retorna para a sua propriedade rural, observando sentido na vida somente em contato com os homens simples do campesinato.

4.2 ANNA E VRÓNSKI: ENTRE O AMOR, A PAIXÃO E O JULGAMENTO DA SOCIEDADE.

A proposta de se analisar a relação entre Anna e Vrónski, sob as condições do amor e da paixão, parte da concepção de Nabokov sobre amor carnal ou paixão e o amor metafísico. Para o crítico russo, Tolstói constrói estas duas ideias sobre amor, relacionando estes aspectos como determinantes para a forma de relação abordada na obra, permitindo encontrar uma explicação e sentido para o adultério, o julgamento de Anna pela sociedade, a sua exclusão social e o suicídio, bem como a presença e o papel familiar desempenhado pelo casal Kitty e Liévin.

Conforme Stefan Zweig, o casamento teve uma importância e um simbolismo capital na vida pessoal do autor Tolstói, contribuindo desta forma para o desenvolvimento deste aspecto no romance *Anna Kariênina*:

Tem-se por ele dupla consideração: primeiro, porque descende de uma das mais aristocráticas famílias da nobreza e, depois, porque é o maior escritor da língua russa, célebre no mundo inteiro. Sua vida familiar é de uma harmonia perfeita. Tem mulher e filhos e não se saberia descobrir nenhuma razão exterior que o tornasse descontente da vida. (ZWEIG, 1961, p. 11).

A partir desta afirmação de Zweig, presente em um estudo sobre as *Confissões* de Tolstói, percebe-se que, aparentemente, a vida do escritor possuía uma harmonia profunda com a vida conjugal²⁰, pois toda sua atenção, nesse período, estava focada na família, em detrimento até mesmo dos seus questionamentos filosóficos. Convém lembrar, porém, que após a conclusão de *Anna Kariênina*, Tolstói vivencia um período de negação de suas obras e de sua conduta moral e religiosa produzidas até esse momento, tendo como princípio os preceitos expressos nos Evangelhos, contribuindo para uma crise em seu relacionamento e na família.

Pode-se afirmar, apesar destes conflitos pessoais e familiares, que Tolstói representa em suas narrativas o amor como essencialmente metafísico, um sentimento muito além do erotismo e da paixão carnal, um processo o qual todo homem deve vivenciar para atingir a plena felicidade pessoal e a evolução.

Em *Anna Kariênina*, existe o casamento de aparências de Kariênin e Anna e, posteriormente, a união de Kitty e Liévin, formando um casal que reúne as condições para a felicidade como Tolstói defende em seus escritos sobre a vida pessoal. Tanto Vrónski quanto Liévin demonstram concepções e atitudes de vidas opostas: Vrónski é orgulhoso, moderno e desfruta de uma boa posição social; Liévin é o homem do campo, reservado, culto e prefere o isolamento à exposição em sociedade. Anna, que apesar da posição social e de ser esposa de um funcionário público influente e integrante dos círculos da nobreza em São Petersburgo, acaba por se apaixonar pelo jovem conde Vrónski. Uma paixão profunda, responsável por sua entrega total, resultando na sua condenação moral por parte da sociedade, contribui para a problemática da relação de Anna com Vrónski.

Uma das personagens femininas mais atraente na ficção mundial, Anna é uma mulher jovem, bonita e fundamentalmente boa, assim como fundamentalmente fadada a ter um final infeliz. Casada muito cedo, por uma tia bem intencionada, com um oficial promissor que tem uma esplêndida carreira burocrática, Anna leva uma vida tranquila no mais brilhante círculo da sociedade de São Petersburgo. [...] Quando encontra Vrónski numa viagem a Moscou, se apaixona perdidamente por ele. Esse amor transforma tudo à sua volta; tudo que ela vê se apresenta sob uma nova luz. (NABOKOV, 2014, P. 196).

²⁰ Tolstói casou-se em 1862, com Sófia Andréievna Bers, em Moscou, indo residir em Iásnaia Poliana.

Neste caso, o amor modifica todo o ponto de vista de Anna, tanto em relação ao marido quanto ao seu filho, fazendo com que ela cometa o adultério e abandone sua família, como concretização da entrega completa de sua vida e amor ao amante.

Como foi abordada anteriormente nesta pesquisa, a iniciativa de Anna em relegar o casamento e a família em proveito de uma nova vida resulta no pedido de divórcio, negado por Kariênin e contribuindo para seu suicídio.

Conforme Schnaiderman (1983, p. 60-61), o moralismo de Tolstói se expressa de forma contundente contra a condição do adultério, ao destacar a cena em que Anna se sente criminosa e culpada ao cometer adultério, baseada na condição da paixão, do amor carnal e efêmero. Para Schnaiderman, não existe outra cena na Literatura que condene de forma tão veemente o adultério. Desta forma, a obra apresenta a condenação do adultério, mas esta condição não seria a principal causa para o fim trágico da personagem, pois outras mulheres no romance, todas da alta sociedade russa, mantêm casos extraconjugais e não são julgadas por sua conduta, pois apenas Anna torna pública a sua relação “proibida”.

Esta afronta da conduta de Anna resulta em seu isolamento social, enquanto Vrónski mantém sua liberdade de homem jovem e descompromissado, tendo em vista a não concretização do divórcio e de não existir nenhuma ligação legal com a amante. No único evento que Anna decide desafiar os preceitos moralistas da sociedade de São Petersburgo, durante sua ida ao teatro desacompanhada de Vrónski, sua aparição causa um enorme desconforto para as famílias nobres presentes no local.

Esta atitude serve para ilustrar de que forma a personagem desafia as convenções sociais:

Quem não conhecia Anna e o seu círculo, quem não tinha ouvido todas as expressões de comiseração, de indignação e de espanto proferidas pelas mulheres, por Anna se permitir exhibir-se na sociedade, e exhibir-se de maneira tão ostensiva em seu ornato rendado e com toda a sua beleza, essas pessoas admiravam a calma e a beleza daquela mulher e não suspeitavam que ela provava o mesmo sentimento de um homem exposto ao público num pelourinho. (TOLSTÓI, 2005, p. 537).

Ao desafiar a sociedade com sua presença no teatro, Anna demonstra que não aceita o seu julgamento moral e ético, intensificando seu conflito com Vrónski, uma vez que este sabia da possibilidade da repulsa do público presente no evento. A afronta de Anna cria

uma situação da qual ela jamais se libertará, tendo em vista que este preconceito isolará ainda mais sua pessoa, pois ao estar em Moscou ela está completamente isolada ao passo que o amante continuará sua rotina de compromissos sociais.

Para Nabokov, a morte de Anna tem relação com a escolha por uma paixão arrebatadora, em detrimento do amor metafísico:

O casamento de Lióvin é baseado numa concepção metafísica, e não apenas física do amor, na disposição para o autossacrifício, no respeito mútuo. A aliança entre Anna e Vrónski se fundamentou apenas no amor carnal – e daí derivou seu trágico desfecho. [...] As normas da sociedade são temporárias; o que interessa a Tolstói são as eternas exigências da moralidade. E então surge a questão moral que ele efetivamente aponta: o amor não pode ser exclusivamente carnal porque nesse caso é egotista e, sendo egotista, destrói ao invés de criar. (NABOKOV, 2014, p. 200).

O outro casal do romance constrói uma relação de amor mútuo, permitindo ao autor construir as condições consideradas adequadas ao matrimônio. Através de Anna e Vrónski, Kitty e Liévin, Tolstói apresenta dois pontos de vista sobre o casamento: a relação baseada simplesmente na emoção, na sensualidade e no erotismo não se desenvolve, tendo um final trágico em *Anna Kariênina*, enquanto no outro caso o amor e a compreensão resolvem os conflitos familiares. Liévin evolui moralmente e socialmente, construindo uma família conforme as exigências da sociedade e das experiências do autor, presentes no estudo de Zweig.

Para Steiner (2006, p. 71), a oposição “Anna e Vrónski, Kitty e Levin, é o principal recurso com o qual Tolstói expressa seu conteúdo. O sentido de contraste, a justaposição das duas histórias, concentra a moralidade da fábula”. Desta oposição familiar, cabe ao receptor da obra, o leitor, optar pela condenação ou consentimento das atitudes, levando em conta o sentido do amor, da paixão, do desejo e da moralidade como causadores das situações na vida de Anna e Liévin.

4.3 UMA BREVE ANÁLISE DOS CRONOTOPOS EM ANNA KARIÊNINA

Em continuidade à análise dos aspectos que formam uma dualidade na obra, além dos elementos analisados anteriormente como a oposição natureza e cultura, amor e paixão, também o conceito de cronotopo apresenta elementos histórico-sociais e temporais na narrativa de Tolstói. Com a proposta de descrever como o cronotopo contribuiu para o

desenvolvimento de *Anna Kariênina*, buscou-se primeiramente a sua definição, a partir dos estudos de Bakhtin (1998) e Reis (1996). Conforme Reis, cronótopo²¹ é a relação tempo-espço da narrativa, onde se impõem as influências histórico-cultural e geográfica à construção do romance:

[...] as próprias opções de **gênero narrativo** constituem uma manifestação da dimensão **cronotópica** da narrativa literária; sabendo-se que na configuração do **gênero** interferem fortes motivações de ordem ideológica (com os matizes histórico-culturais e axiológicos que toda a ideologia envolve), aceitar-se-á que o **romance** ou a **epopeia** impõem-se antes de tudo como **cronótopos**. (REIS, 1996, p. 90, grifos do autor).

As questões histórico-sociais e culturais serão representadas na categoria tempo-espço, servindo para a construção de sentido da obra. O cronotopo designa um termo essencial para o gênero romance, pois apresenta o transcurso do tempo e realiza a ligação entre os diversos espaços onde transcorre a ação. Para Reis, o cronotopo demonstra os valores ideológicos presentes no gênero. Na visão de Bakhtin, os cronótopos organizam a estrutura do romance:

No que reside o significado dos cronótopos analisados por nós? Em primeiro lugar, é evidente seu significado **temático**. Eles são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo. (1998, p. 355, grifo do autor).

O cronotopo organiza as temáticas do romance, os seus acontecimentos e o seu desenvolvimento. Para a descrição do cronotopo na obra, é necessário relacionar o “tempo da história e tempo do discurso”²² com o espaço urbano e rural, pois esta oposição cronotópica serve como representação do contexto histórico, social e cultural.

Nabokov (2014, p. 242), baseado na citação de fatos históricos presentes no romance, afirma que o período cronológico está compreendido entre 1872 e 1876. Na narrativa, porém, não há uma alusão a indícios temporais precisos, mas somente indicações de meses, estações do ano, horas e períodos do dia, demonstrando o transcurso do tempo.

²¹ Para fins deste trabalho optou-se pela forma *cronotopo*, conforme a norma do português brasileiro. Como a análise se baseou no conceito presente no Dicionário de Narratologia (1996), de Carlos Reis, a forma cronótopo, utilizada no português de Portugal, também será utilizada.

²² O tempo da história refere-se, principalmente ao tempo cronológico, uma sucessão de eventos passíveis de serem datados, com maior ou menor precisão. O tempo do discurso refere-se à representação narrativa do tempo da história, podendo não ser datado, apresentando o desenrolar das ações das personagens (REIS, 1996, p. 405-411). Exemplo: a corrida de cavalos da qual Vrónski participa (p. 196-205) tem a duração de apenas alguns minutos, a partir do ponto de vista do tempo da história e da experiência de mundo; do ponto de vista do tempo do discurso, este lapso temporal não é possível de ser mensurado, em vista da falta de indícios do tempo e também da complexidade e do drama das personagens envolvidas.

O “tempo do discurso”, organizado por um narrador do tipo heterodiegético em *Anna Kariênina*, caracteriza-se pelo desenvolvimento das concepções e ideias dos personagens, em seu amadurecimento e também na ocorrência de importantes eventos pessoais, como casamento, mortes, nascimento e uma tentativa de regeneração moral, como a vivenciada por Vrónski, quando parte para a guerra contra os turcos. Além destes eventos, bailes, encontros, viagens e negócios servem para evidenciar o transcurso do tempo no romance.

O cronotopo rural, onde interagem praticamente quase todos os personagens, pois a maioria tem contato com o campo em pelo menos uma ocasião, representa um espaço de harmonia familiar, de segurança e de intimidade. Liévin, no retorno à sua propriedade após a desilusão com Kitty, relembra as condições de sua família e da sua infância:

A casa era grande, antiga, e Liévin, embora vivesse só, a ocupava e a mantinha aquecida de ponta a ponta. Sabia que era tolice, sabia que até era errado e contrário aos seus novos planos, mas aquela casa era o mundo inteiro, para Liévin. Era o mundo em que viveram e morreram seu pai e sua mãe. Eles viveram a vida que, para Liévin, parecia um ideal de perfeição e que ele sonhava reconstituir com a sua vida e com a sua família. (TOLSTÓI, 2005, p. 104).

Neste espaço rural, Liévin relembra os ideais de formação da família, suas relações com o pai e mãe e sente-se, momentaneamente, isolado do mundo das convenções que ele encontrou em Moscou. A definição de espaço, como termo essencial da narrativa, é compreendida como social e psicológico.

Entendido como domínio específico da **história**, o **espaço** integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da **acção** e à movimentação dos **personagens**: cenários geográficos, interiores, decorações, objectos, etc.; em segunda instância, o conceito de **espaço** pode ser entendido em sentido traslato, abarcando então tanto as atmosferas sociais (**espaço social**) como até as psicológicas (**espaço psicológico**). (REIS, 1996, p. 135, grifos do autor).

Portanto, o conceito de espaço abarca, basicamente, a residência de campo de Liévin e a propriedade de Vrónski, as casas da família Kariênin, de Kitty e de Liévin, em São Petersburgo e Moscou, respectivamente.

Neste contraste entre o cronotopo rural, vivenciado profundamente por Liévin e o urbano, em que se deslocam Anna, Vrónski, Kariênin, Oblónski e Kitty, está o fato de que na cidade o “tempo do discurso” é marcado por horas ou dias, uma convenção quase mecânica

da rotina das grandes cidades e seus eventos sociais. No espaço rural, a temporalidade tem sua ênfase assinalada pela detalhada descrição de evidências naturais, orgânicas e inexoráveis. Para demonstrar esta oposição das marcas de tempo, é importante observar duas situações encontradas na obra:

Enquanto isso, chegou a primavera, linda, impetuosa, sem a ansiedade e as negaças típicas da primavera, uma dessas raras primaveras em que se regozijam ao mesmo tempo as plantas, os animais e as pessoas. Essa linda primavera estimulou ainda mais e reforçou sua intenção de renunciar a tudo o que havia passado, a fim de organizar com firmeza e independência sua vida solitária. [...] A primavera demorou a se revelar. Nas últimas semanas da quaresma, fez um tempo claro e gélido. O dia derretia sob o sol, mas a noite chegava a sete graus. A Páscoa foi debaixo de neve. [...] A verdadeira primavera chegara. (TOLSTÓI, 2005, p. 159-160).

A condessa fingiu escutar. Em seguida, quando já falara o suficiente e se calara, o coronel, em silêncio até então, começou a falar. O coronel também comentou a ópera e a iluminação. Por fim, após falar de uma suposta *folle journée*²³ em casa de Tiúrin, o coronel deu uma risada, fez barulho, levantou-se e foi embora. Liévin também se levantou, mas, pelo rosto da condessa, percebeu que ainda não era a hora de sair. Precisava ficar mais alguns minutos. Sentou-se. No entanto, como não parava de pensar em como aquilo era idiota, Liévin não achava um assunto para conversar e se mantinha calado. [...] “Bem, parece que chegou a hora”, pensou Liévin, e levantou-se. As senhoras apertaram-lhe a mão e pediram que transmitisse *mille choses*²⁴ à esposa. (2005, p. 674).

Nas citações acima, ocorre uma intensificação nas marcas do tempo do discurso. Enquanto a mudança de estação climática tem um completo detalhamento, demonstrando características típicas da primavera como forma de intensificar o transcorrer do tempo no cronotopo rural, no segundo excerto este avanço temporal é marcado apenas pela convenção dos minutos, uma obrigação social, sem ênfase, como forma de diferenciar os espaços do campo e da cidade.

Para Bakhtin (1998, p. 355), “[...] salta aos olhos o significado figurativo dos cronotopos. Neles o tempo adquire um caráter sensivelmente concreto [...]”. Em ambos os trechos em destaque, o “tempo do discurso” é assinalado por recursos diferentes: a completa descrição de um fenômeno natural e a convenção dos costumes e hábitos sociais, como forma de distinguir seu decurso.

²³ Francês: “grande farra”. (tradução do autor).

²⁴ Francês: “mil coisas”. (tradução do autor).

Também é importante destacar o monólogo interior do qual Anna é a protagonista, ao final da obra, pois este recurso de narração permite demonstrar a densidade e a perturbação da personagem. O monólogo interior representa o espaço psicológico, definido por Reis (1996, p. 136) como a “[...] necessidade de evidenciar atmosferas densas e perturbantes, projetadas sobre o comportamento, também ele normalmente conturbado, das personagens”. Neste tipo de espaço o narrador invade a subjetividade de seu personagem e apresenta todas as suas angústias, sem marcas de tempo cronológicas, pois também o tempo se configura como psicológico, evidenciando toda a densidade e conflito presentes neste tipo de cronotopo.

Em *Anna Kariênina* os cronotopos definem essencialmente a ideologia do autor, uma vez que opõem formas de espaço e tempo configuradas de acordo com sua necessidade de evidenciar as diferenças de posição social, de relações humanas e convenções estabelecidas. Definem também as angústias e alegrias dos personagens, suas evoluções e fracassos diante da vida e interligam os diversos conflitos e acontecimentos do romance, evidenciando a função de organização temática da obra, definida por Bakhtin.

5 RELAÇÕES ENTRE OBRA E CONTEXTO DE PRODUÇÃO E O DIÁLOGO COM A ATUALIDADE

Anna Kariênina foi escrita entre 1873 e 1877, transcorrendo desde essa época até a atualidade mais de um século. Nesse período de tempo, a situação histórico-social da Rússia se modificou completamente e muitos aspectos e questionamentos retratados na obra ficaram restritos à época da escrita. No século XIX as constantes mudanças sociais e econômicas na sociedade russa contribuíram para os questionamentos presentes no romance, porém alguns temas abordados continuam em discussão sob outras perspectivas e pontos de vista.

Os fatores, acontecimentos e questionamentos que levaram Tolstói a escrever uma das maiores obras da Literatura mundial podem ser analisados sob a perspectiva da crítica social e/ou da “Literatura de acusação”, conceitos estes propostos por Hauser e Carpeaux, respectivamente. Em *Literatura e Sociedade* (2006), de Antonio Candido, a relação entre a obra e a sociedade propiciará o entendimento de como um contexto específico influencia a produção do artista e a aceitação pelo público leitor.

Para finalizar o presente capítulo, a análise da relação entre *Anna Kariênina* e a atualidade será desenvolvida, apresentando quais diálogos e questionamentos são possíveis com o leitor moderno e quais aspectos contribuem para uma reflexão, mediante textos de Roland Barthes, Antônio Cândido e Harold Bloom.

5.1 LITERATURA DE ACUSAÇÃO E ROMANCE PSICOLÓGICO

A análise das concepções de Tolstói ao produzir *Anna Kariênina* pode ser entendida como uma relação entre autor, público e obra. Antônio Cândido (2006) destaca a posição do artista, a configuração da obra e o público como fatores para o entendimento da produção literária e o seu valor. Em relação ao primeiro conceito, é o artista que decide, motivado por condicionantes sociais, “a ocasião da obra a ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo” (CÂNDIDO, 2006, p. 34).

O período ou ocasião da produção do romance tem diálogo com um momento de extrema transformação na Rússia e retrata de forma detalhada a sociedade e seus acontecimentos. Estes podem se relacionar com a configuração da obra, pois valores sociais,

ideologias e sistemas de produção se entrelaçam para formar seu conteúdo e forma, conforme CÂNDIDO (2006, p. 39).

Por último, o público, que é o receptor da obra, proporciona o seu sentido, pois realiza sua leitura e entendimento, contribuindo para juízos de valor. No caso de *Anna Kariênina*, o público recepcionou de forma crítica seu conteúdo, tendo em vista seu valor literário e também a sua intenção de apresentar os dilemas de sua época. A partir desta combinação autor-obra-público, pode se entender a questão da “Literatura de acusação” e romance psicológico como conceitos que representam e tentam esclarecer a criação artística de Tolstói.

Conforme Carpeaux e Hauser, *Anna Kariênina* pode ser compreendida como expressão de uma “Literatura de acusação”, tendo em vista a posição e a consciência social do escritor e/ou como uma produção literária com a função de crítica social, em um país centrado na autocracia e no governo autoritário, sem espaço para manifestações da população, como era a Rússia à época.

De acordo com Carpeaux, a Literatura russa do século XIX desempenhou várias funções, além da literária:

[...] era jornalismo, num país em que não existia imprensa livre; era tribuna política, num país em que não havia parlamento; era cátedra universitária, num país em que as Universidades eram fiscalizadas por sargentos de polícia; era púlpito, num país em que a própria Igreja estava muda. (CARPEAUX, 2011, p. 1791).

Estas funções da Literatura citadas por Carpeaux mostram o cenário em que a Rússia estava inserida na época de *Anna Kariênina*: um país em enorme descompasso social e de liberdade de expressão restrita, concomitante com a sua influência geográfica, política e militar, projetada sobre os Estados europeus. A partir desta conjuntura, o papel da Literatura foi desempenhado de forma relevante pela classe da *Intelligentzia*²⁵, cujos escritores fizeram forte oposição à forma de governo autocrático e reivindicaram reformas.

A *Intelligentzia* era formada pelos “latifundiários aristocráticos e seus filhos, os intelectuais pequeno-burgueses das cidades e, mais um terceiro grupo que é difícil definir” (CARPEAUX, 2011, p. 1792). Dentre estes escritores, havia os ocidentalistas, que exigiam a europeização do país e os eslavófilos, voltados para a conservação do caráter nacional e religioso russo.

O contato com o pensamento e os modelos literários e estéticos europeus começou no reinado de Catarina, a qual propiciou ao país uma grande modernização. No século XIX,

²⁵ Ver nota 5 da página 6

novamente os ocidentalistas exigiam a transformação da Rússia arcaica em um Estado mais moderno, industrializado. Tanto os ocidentalistas como os eslavófilos desejavam reformas, utilizando-se da Literatura como forma de pressionar a autocracia.

O tema da relação agrícola entre mujiques e nobres, discutido na obra, evidencia aspectos da corrente ocidentalista, pois sugere mudanças visando à eficiência e o emprego de métodos modernos de exploração, em combinação com as peculiaridades do camponês russo. Para Carpeaux (2011, p. 2012), “Tolstoi pertence decididamente ao partido ocidentalista”. Partidário de ideias racionais, o escritor confronta o pensamento à sua posição social.

A contradição entre a escrita de Tolstói e sua condição aristocrática resulta em um conflito de consciência, denominado por Carpeaux como a “Literatura de acusação”, onde o escritor sente-se incapaz de realizar efetivamente as ações defendidas em suas obras e ideologia. No âmbito da categoria de análise denominada Literatura de acusação, o escritor produz *Anna Kariênina* como forma de apresentar as questões morais e sociais vigentes, em grande parte causadas pela classe da nobreza, da qual era integrante.

De acordo com Carpeaux (2011, p. 2013), uma condição para a interpretação de *Anna Kariênina* é esta acusação moral, em virtude da personagem ser vítima da profunda ambição do homem russo. A proposta desta escrita acusativa é uma forma de redimir seu comportamento imoral diante da sociedade. Em uma obra anterior, *Os Cossacos*²⁶ (1852-1853), Tolstói havia exposto a problemática do “homem supérfluo”. Nesse romance, o protagonista Oliênin, um jovem da nobreza, abandona sua destacada posição social em Moscou e parte para o serviço militar no Cáucaso, em busca de um sentido para sua vida ociosa e tentando esquecer completamente sua ligação com uma sociedade de aparências e frivolidades.

O drama de Anna é uma acusação ao sistema moral russo, apresentando a devassidão da classe da nobreza, os problemas causados por uma alta sociedade acostumada a viver somente da renda obtida da exploração do camponês, em contraste com a miséria no campo.

Para Hauser, *Anna Kariênina* é um romance psicológico com a função de crítica social. O problema do individualismo e da liberdade foi uma temática constante nos escritos de Tolstói e Dostoiévski, representantes do romance psicológico russo:

²⁶ *Os Cossacos* foi uma das primeiras novelas de Tolstói, escrita entre 1852 e 1853 e, retrata o homem supérfluo na sociedade russa. Entende-se por homem supérfluo os jovens nobres sem profissão ou pertencentes ao serviço público, dedicados apenas a esbanjar suas riquezas, sem um sentido definido para suas vidas.

A despeito das mais profundas contradições que se possam conceber, há entre Dostoiévski e Tolstói, pela sua atitude perante o problema do individualismo e da liberdade, uma unidade fundamental a ligá-los. Ambos consideram a emancipação do indivíduo em relação à sociedade, a sua solidão e isolamento, como o maior mal imaginável. (HAUSER, 1973, p. 1036).

Tanto Tolstói como Dostoiévski retrataram este problema da individualidade e da liberdade, em uma sociedade com profundas diferenças de classe. Esta preocupação com o alheamento e o isolamento do indivíduo resulta em uma questão crucial na obra. A problemática do individualismo, típica da época de desenvolvimento industrial e capitalista na Europa, é retratada de modos diferentes por Tolstói ou Dostoiévski.

Para Hauser, ambos os autores abordam os mesmos questionamentos a partir de pontos de vista diferentes:

Dostoiévski aborda os problemas sociais do seu tempo, principalmente a atomização da sociedade e o abismo que se abre, cada vez mais fundo, entre as classes, do ponto de vista dos intelectuais, e vê a sua solução na união das pessoas com o povo simples e fiel, do qual se separaram. Tolstói passa em revista os mesmos problemas, do ponto de vista da nobreza, e coloca as esperanças de uma reconstituição da sociedade num entendimento entre proprietários e camponeses. (HAUSER, 1973, p. 1029).

O problema da individualidade e do isolamento permite a Tolstói construir personagens que retratam estas experiências em *Anna Kariênina*. A função moralista e de consciência na literatura de acusação relaciona-se com o formato do romance psicológico, pois Tolstói apresenta personagens como Liévin e Anna que enfrentam dilemas nas suas vidas, acontecimentos que mostram o julgamento de valor de uma sociedade da qual fazem parte.

Estas questões de valores ameaçam os dois personagens, pois suas escolhas podem excluir ambos do mundo respeitável: Anna comete o adultério, contrariando todas as regras morais e Liévin convive com outras ideias e modos de relacionamento, principalmente com os camponeses.

Hauser afirma que o aspecto que diferencia Anna e Liévin é o fato como eles enfrentam a ameaça de exclusão social do meio onde vivem:

Ambos são ameaçados pelo perigo de serem banidos da sociedade de pessoas normais e respeitáveis. A única diferença é que, ao passo que Anna renuncia logo de início à aquiescência da sociedade, Levin faz tudo quanto pode para não perder a influência que tem na sociedade. Êste suporta o jugo do seu casamento, administra os seus bens, dá-se com seus vizinhos, submete-se às convenções e preconceitos do meio em que vive [...]. (HAUSER, 1973, p. 1038).

Portanto, Liévin e Anna são ameaçados pelo isolamento social com a exclusão do círculo de pessoas respeitáveis. Anna abre mão desta sociabilidade e enfrenta o julgamento moral, entra em conflito com o comportamento de Vrónski e comete suicídio. Esta forma de desintegração da personalidade caracteriza o romance psicológico, em que o indivíduo gradualmente se afasta da realidade e perde a noção dos seus atos, em detrimento de sua razão.

A representação desta perda de razão de Anna está evidenciada em um fluxo de consciência, na parte final da obra, em que cenas do cotidiano se misturam com questionamentos e recriminações, evidenciando a evolução dos conflitos psicológicos descritos por Hauser (1973). Liévin, entretanto, não enfrenta os julgamentos morais pela sua conduta excêntrica e submete-se às convenções sociais. Estes dois personagens representam escolhas diferentes diante das exigências das regras morais, tendo também destinos diferentes ao final da obra.

Carpeaux e Hauser denominam de formas diferentes as características de *Anna Kariênina*, como Literatura de acusação e romance psicológico. Para ambos, o romance representa uma crítica ao sistema instituído na Rússia daquela época. Para Carpeaux, serve como uma acusação da classe da nobreza, a qual pertence o autor, como tentativa de retratar seus atos. Hauser destaca a problemática do isolamento social do indivíduo e a conseqüente ameaça da desintegração de sua razão, afirmando que “o romance psicológico entra na fase da sua completa maturidade com Dostoiewski e Tolstoi” (1973, p. 1025).

5.2 OS QUESTIONAMENTOS DE LIÉVIN E ANNA E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO DO SÉCULO XXI

Este item tem a intenção de analisar quais questionamentos de *Anna Kariênina* ainda podem dialogar com a contemporaneidade. Escrito no século XIX, o romance apresenta diversos questionamentos e temas relacionados com aquele momento histórico. A questão do

fim da servidão e administração de terras, casamento e divórcio, guerra contra a Turquia e a questão eslava, entre muitos outros assuntos estão distribuídos ao longo da obra.

Para a construção do diálogo com a contemporaneidade, é importante destacar alguns conceitos expressos por Roland Barthes e Harold Bloom, acerca da possibilidade de diversas releituras e entendimentos, tendo em vista tratar-se de um texto que permite outras interpretações.

Roland Barthes define dois tipos de texto: o de prazer e o de fruição.

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seu valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2013, p. 20-21).

Anna Kariênina possui características de um texto de fruição, pois em muitos momentos desconcerta o leitor com os questionamentos de Liévin e Anna, personagens em conflito com o seu tempo. Alguns assuntos tratados ficaram restritos ao seu período de produção, não tendo uma relação direta com a atualidade, como a questão de administração de terras, o fim da servidão, a educação para mulheres e camponeses e as questões do casamento, mas servem como um suporte documental para estudos de Literatura e de História.

Além da historicidade, pois são citados eventos como a discussão da modernização do sistema agrário após o fim da servidão, as questões morais e éticas que ainda se fazem presentes na sociedade atual, como a discriminação, o isolamento social e os questionamentos pessoais, a guerra da Rússia contra a Turquia, expondo um panorama de tensões ainda existentes na contemporaneidade, pois o país se consolidou como uma potência militar em constante atrito ideológico com outros países como os Estados Unidos, Inglaterra e França e conflitos territoriais e bélicos com a Ucrânia e a Crimeia, e combate ao terrorismo na Síria, *Anna Kariênina* permite outras leituras e interpretações, mesmo tendo transcorrido mais de cem anos de sua publicação.

Harold Bloom afirma que a leitura é realizada por diversos motivos, mas destaca a necessidade de diálogo com outras experiências humanas:

Lemos, intensamente, por várias razões, a maioria das quais conhecidas: porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimentos, não apenas de

terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida. (BLOOM, 2001, p. 25).

Das razões citadas por Bloom, a necessidade de conhecimento pode ser considerada como um fator de estímulo para a leitura da obra, pois ao travar conhecimento com as angústias e questionamentos dos personagens, tem-se um panorama da natureza humana, uma vez que as questões filosóficas e de vida de Liévin remetem a uma situação atual, como a necessidade de se seguir modelos instituídos de relações humanas e códigos de conduta, em face do risco de discriminação e mesmo de exclusão em certos casos.

Naquela época, as questões que levaram Anna ao suicídio e as dúvidas de Liévin faziam parte de uma sociedade de contrastes e de forte exigência de moralismo. Atualmente, estas questões e dúvidas representam um indivíduo estranho à sociedade, porém aceitável. Os questionamentos mudaram, mas as angústias destes dois personagens podem ser atualizadas para os problemas deste tempo, permitindo uma releitura destas.

A Literatura consegue estabelecer os diálogos entre os períodos da História e da cultura, pois apresenta um retrato inacabado dos acontecimentos de determinado contexto. Esta possibilidade de dialogar com questões precursoras da formação humana relaciona-se com a ideia da Literatura como um sistema vivo de obras, que permite diversas interpretações:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CÂNDIDO, 2006, p. 83).

Anna Kariênina pode ser abordada, depois de mais de cem anos de sua publicação inicial, do ponto de vista da obra inacabada, com espaços a serem preenchidos e que permite ao leitor contemporâneo interpretar e criar novos julgamentos, concordar ou discordar com suas ideias. Um texto acabado, finalizado estaria relacionado apenas ao seu período de produção, ou poucos anos depois, ao contrário do cânone em estudo.

De acordo com Barthes (2004), “Dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita”, por isso uma das propostas para estudo desta obra consistiria em visualizar seu período histórico e de produção, suas possíveis conexões com a atualidade. Como já foi descrito anteriormente neste

trabalho, a vida e a obra de Tolstói se relacionam em muitos momentos, mas para uma análise que dialogue com o presente, é necessário afastar um pouco o olhar da vida do autor, uma dificuldade grande em se tratando de *Anna Kariênina*, pois muito de seu conteúdo tem semelhança com fatos vivenciados e pensados por Tolstói.

Além da relação histórica, o romance apresenta personagens, como a própria Anna, com características que permitem um envolvimento do leitor. Conforme Gallagher (2009, p. 655), “[...] a incompletude, ao lado da perturbadora acessibilidade, suscita o envolvimento emotivo do leitor”. Para Gallagher, existem personagens “familiares e estranhas, indeterminadas e acabadas”, suscitando a noção de que se sabe muito sobre Anna, sendo familiar sua existência, mas ao adentrar sua consciência, como parte do recurso do monólogo interior, torna-se uma experiência perturbadora, pois naquele momento o leitor envolve-se de forma profunda com sua angústia e solidão, confirmando o conceito de “texto de fruição” denominado por Barthes. Essa completa acessibilidade à subjetividade dos personagens faz com que seus problemas sejam também comuns ao leitor, tornando mais verossímeis suas existências.

Além de Anna, Liévin expõe muitos questionamentos, principalmente sobre a incompreensão acerca dos mistérios da vida e da morte, ainda hoje não totalmente compreendidos. Tanto Anna quanto Liévin mudam no transcorrer do romance, evidenciam uma transformação no seu modo de pensar e agir, pois são personagens que discutem a problemática da vida em sociedade, enquanto os outros demonstram as questões históricas e sociais.

Deste grupo de personagens com suas particularidades, fica evidenciada a importância de um clássico como *Anna Kariênina*, pois suas perguntas continuam atuais, necessitando de contextualização para a sua leitura, pois como afirmou Liévin, no parágrafo de fechamento do romance: “Continuarei a me irritar com o cocheiro Ivan, continuarei a discutir, continuarei a expressar minhas ideias fora de hora, continuará a existir um muro entre as coisas sagradas de minha alma e as outras pessoas [...]” (TOLSTÓI, 2005, p. 801), pois apesar de toda a busca por respostas, muitas dúvidas continuarão ao longo do tempo, mantendo a obra atualizada, em diálogo com a contemporaneidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou realizar uma relação entre a Literatura e a História, abordando os aspectos histórico-sociais de *Anna Kariênina* e a possibilidade de diálogo com a atualidade e quais de seus temas e assuntos podem ser estudados. Para isto, foi necessário buscar na metodologia da Hermenêutica um modo de aprofundar as questões literárias e históricas, sendo priorizada a pesquisa bibliográfica, o ato de debruçar-se, literalmente, sobre as principais obras de Tolstói, textos críticos e teóricos, dissertações e outros documentos que possibilitassem realizar este diálogo histórico-literário.

A teoria Hermenêutica afirma, entre tantos conceitos, que a linguagem deve ser interpretada levando em consideração a sua inesgotabilidade. Tratando-se de um texto canônico, como é o caso da obra em análise, com mais de um século de interpretações, estudos, leituras e releituras por parte de críticos literários de grande reputação como Hauser, Carpeaux e Steiner, a proposta revestiu-se de uma grande dificuldade. O desafio foi o de realizar uma leitura dos aspectos da obra, respeitando a concepção de cânone e de sua interpretação, que contribuísse para pensar o momento histórico em evidência e também sua contribuição para os estudos de Literatura.

Optou-se por buscar teóricos que trabalhassem com a sociedade e suas transformações como Hauser, Carpeaux e Cândido, como forma de priorizar estas questões sociais e sua representação na obra. Também era necessário encontrar uma obra sucinta sobre a História da Rússia e que permitisse o diálogo com a Literatura. Em a *História Concisa da Rússia*, de Paul Bushkovitch, muitos outros acontecimentos históricos do século XIX tinham seu detalhamento de forma sucinta, destacando a importância de todos os eventos.

A partir da escolha destes referenciais teóricos, foi preciso delimitar alguns aspectos a serem abordados, como a questão da administração agrícola após o fim da servidão, educação de camponeses e mulheres, administração e burocracia no sistema público, como fatores históricos; a questão do casamento e divórcio e também os questionamentos sobre a morte e existência como elementos que mostram ao mesmo tempo as contradições morais e éticas da Rússia e o pensamento do autor Tolstói.

O estudo destes aspectos permitiu visualizar um grande diálogo com a História, pois *Anna Kariênina* permite ao leitor encontrar uma detalhada descrição de como era a vida na Rússia dos czares do século XIX, a diferença de classes sociais, os principais movimentos como o eslavofilismo, a questão da ocidentalização e da modernização capitalista.

No estudo dos recursos narrativos utilizados por Tolstói, se optou pela comparação, pois o romance se estrutura ao redor de dualidades, como cultura e a natureza, o amor e a paixão e a vida e a morte. Nestes paradoxos, a pesquisa priorizou as intensas contradições de Liévin, um senhor de terras preocupado com a situação dos camponeses e com questionamentos filosóficos inerentes ao momento histórico. Dividido entre a vida dos grandes centros e sua permanência no campo, Liévin propõe novas condições de administração agrícola, ao mesmo tempo em que pensa as questões da vida, a inevitabilidade da morte e o casamento.

Estes paradoxos vividos por Liévin foram considerados de acordo com a teoria de Lukács, que trata da forma abrangente da obra de Tolstói, aproximando este romance e outros de condições encontradas somente no gênero epopeia, como o desejo de Liévin pela vida no campo, onde todos os acontecimentos seguem uma determinação natural, sem intervenção das pessoas, em uma totalidade não encontrada na concepção de mundo atual.

O casal Anna e Vrónski apresentou as questões do amor e da paixão, como definidos por Nabokov, a vida matrimonial infeliz, o julgamento da sociedade por causa das atitudes de Anna e seu posterior isolamento social. Toda a cobrança moralista foi oposta aos desvios de conduta praticados pelos integrantes da mesma elite a que pertence Anna, como fator de agravamento destas condições. Deste conflito, resultou a morte da protagonista, como forma de solução para sua desintegração social e desafio às convenções estabelecidas.

O conceito de cronotopo, baseado nos estudos de Bakhtin e Carlos Reis, serviu para comparar as diferenças entre o espaço urbano e rural e o transcorrer do tempo histórico e do discurso, determinantes na construção da concepção ideológica do romance. A oposição campo e cidade permite apresentar relações de convívio social e harmonia em contraste com a vida urbana, artificial, conflituosa, onde os personagens interagem, em muitas ocasiões, motivados apenas por seus interesses e ambições, sem o equilíbrio encontrado no campo.

O cronotopo serve para apresentar o recurso do monólogo interior, como espaço psicológico, utilizado pelo autor como forma de aprofundar o conflito existente na consciência do personagem. O escritor Nabokov afirma que Tolstói foi o primeiro autor a fazer uso do fluxo de consciência ou monólogo interior como forma de tornar públicas as dissensões psicológicas de Anna, em uma época anterior aos estudos pioneiro de Freud sobre inconsciente e suas implicações.

Após a análise das dualidades e do cronotopo, através dos conceitos de “Literatura de acusação”, cunhado por Carpeaux e do romance psicológico de Hauser, foi possível considerar aspectos essenciais para a criação de *Anna Kariênina*. Tanto Carpeaux quanto

Hauser consideram a condição de denúncia social como o objetivo da obra, pois como “Literatura de acusação” entende-se uma escrita voltada a denunciar a intensa crise de valores morais da sociedade russa do século XIX e a classe da nobreza, responsável pela exploração humana de burgueses e camponeses, contribuindo para aumentar a estratificação social; como Tolstói fazia parte da classe dos latifundiários, Carpeaux entende que sua escrita serve, em algumas obras, como acusação e denúncia das próprias ações.

Hauser considera que Tolstói, assim como Dostoiévski, tem como principal preocupação o isolamento do indivíduo diante da sociedade, diferindo do autor de *Crime e Castigo* apenas no ponto de vista da representação destes problemas sociais, a partir da visão de nobre e latifundiário, ao invés da perspectiva da classe burguesa. Desta problemática do isolamento, *Anna Kariênina* seria o auge do romance psicológico na Rússia, pois aprofunda questões do inconsciente e da perda da razão, em vista dos conflitos sociais.

Através destes temas mencionados, em constante relação com a História da Rússia do século XIX, após a pesquisa desenvolvida sobre alguns textos teóricos, deve-se considerar que *Anna Kariênina* apresenta alguns assuntos restritos ao seu período, como servidão humana, administração das propriedades, matrimônio, servindo de documento histórico para entendimento da época, bem como possui temas em diálogo com a atualidade.

De acordo com Antônio Cândido, de que a obra literária é um sistema vivo, em constante redefinição a partir do ponto de vista dos leitores ao longo do tempo, e da proposta de afastamento do autor, de Roland Barthes, que afirma que não se deve dar um autor ao texto, com o risco de encerrar suas possibilidades de sentido, a obra estudada dialoga com a contemporaneidade, pois permite conhecer de forma detalhada personagens com conflitos ainda atuais e aumentar o conhecimento de mundo, pois apresenta outra perspectiva da vida.

REFERÊNCIAS:

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

_____. **História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance**. São Paulo: Unesp - Hucitec, 1998.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BLOOM, Harold. **Como e Por Que Ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BUSHKOVITCH, Paul. **História Concisa da Rússia**. Tradução de José Coelho Mendes Neto. São Paulo: EDIPRO, 2014.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2011. Vol. III.

GALLAGHER, Catherine. **Ficção**. In: **A Cultura do Romance**. MORETTI, Franco (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 629-658.

GÓGOL, Nicolai. **O Inspetor Geral**. São Paulo: Editora Abril, 1976. Coleção Teatro Vivo.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **A Teoria do Romance**. Trad. José M. Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

NABOKOV, Vladimir. **Lições de Literatura Russa**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

PATRICK, Julian. **501 Grandes Escritores**. São Paulo: Sextante, 2009.

PIPES, Richard. **História Concisa da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Record, 2012.

REIS, Carlos. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Editora Almedina, 1996.

ROHDEN, Luiz. **Interfaces da Hermenêutica**. Caxias do Sul: Educs, 2008.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Antiarte e Rebeldia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

STEINER, George. **Tolstói ou Dostoiévski: um ensaio sobre o Velho Criticismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. **Khadji Murát**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. **Ressurreição**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **Guerra e paz**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. **A morte de Ivan Ilicht**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Infância, Adolescência, Juventude**. Trad. Maria Aparecida Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Os Cossacos**. Trad. Sonia Branco. São Paulo: Livros da Matriz, 2012.

_____. **Três Mortes**. Trad. Beatriz Morabito. In: **O Diabo e outras histórias**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 07-26.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZWEIG, Stefan. **O Pensamento Filosófico de Tolstói**. São Paulo: Editora Martins, 1961.

FONTES DA INTERNET CONSULTADAS:

ALMEIDA, Luiza. **A representação da morte na obra de Tolstói**. São Paulo: USP, 2011. Dissertação apresentada à Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../2011_LuizaNascimentoAlmeida.pdf Acesso em dezembro de 2014.

ANTÓNIO, Lopes. **Espaço**. In CEIA, Carlos (org). E-Dicionário de termos literários. Universidade Nova de Lisboa. <http://www.edtl.com.pt/business-directory/5942/espaco/> 15 out 2015.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. Disponível em http://www.ufba2011.com/A_morte_do_autor_barthes.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2015.

NOGUEIRA, Flávio. **A Busca pela Modernização: uma Análise Comparativa entre a Rússia Imperial (1861-1914) e a Rússia Soviética (1921-1939)**. - Rio de Janeiro: UFRJ / IE, 2013. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/Dissertacao_Flavio_Nogueira_VF.pdf Acesso em 3 de maio de 2015.

RABELLO, Belkiss. **As cartilhas e os livros de Lev N. Tolstói**. São Paulo: USP, 2009. Dissertação apresentada à Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, sob a orientação da Profa. Dra. Elena Vássina. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/.../BELKISS_RABELLO.pdf Acesso em dezembro de 2014.